



Escola Secundária c/3º Ciclo de Pedro Nunes

Literatura Portuguesa 11º Ano

Projeto de Turma ANTOLOGIA DE ESCRITA

Existem duas concepções do poeta:

- Uma diz que o poeta é dotado de inspiração divina, um profeta “possuído” pela musa que fala através dele. Portanto, acredita-se que o poeta, no momento da criação, esteja quase fora de si, dominado pelo que **Platão** descreveu como “loucura divina”. Assim, segundo este ponto de vista, a literatura é a sabedoria mais profunda, criada espontaneamente num estado de êxtase.

- A outra concepção do poeta é o que considera, fundamentalmente, um artífice: poeta “construtor”, com plena consciencialização do que faz no momento da composição e, depois, quando se dispões a polir e retocar a sua obra. Como dizia **Horácio**, o poeta não exime ao “trabalho do buril”. Assim, a obra literária é considerada uma peça artística, na concepção literal, no sentido em que é fabricada pelo homem e pode ser trabalhada, transformada e burilada. Este conceito predominou nos séculos XVII e XVIII, no Período Neoclássico.

- Mas uma nova versão do primeiro ponto de vista, o da inspiração, tornou-se popular no final do século XVIII e grande parte do século XIX com o advento do **Romantismo**.

Tarefa: Escreve um poema, tendo em conta as características estéticas e temáticas da poesia romântica do início do século XIX.

Nome:

Ano: Turma: Nº

Prática de Ensino Supervisionada
Susana Marta Pereira



Escola Secundária c/ 3º Ciclo de Pedro Nunes
Português 8º Ano

Sumário: Categorias da Narrativa. Leitura e interpretação de um excerto do livro "O Barão" de Branquinho da Fonseca. Elaboração de uma ficha de exercícios ao nível da interpretação, gramática e expressão escrita, relacionados com o texto estudado.

Data: 13.11.2012 Duração: 1 Bloco de 90 minutos Temática: Texto Narrativo/Categoria da Narrativa

Guião da Aula/ Tempo	Avaliação dos alunos				Recursos
	Leitura	Escrita	Compreensão e Expressão Oral	Gramática	
	Atitudes e Comportamentos Assiduidade; pontualidade; cumpridor das regras estabelecidas; apresenta o material necessário; Intervém adequadamente; evidencia uma atitude crítica e criativa; é cooperante; respeita colegas e professor; manifesta espírito de tolerância; respeita o património escolar.				
Sumário e chamada (5m)					Caneta e quadro
Entrega/ leitura/análise da Ficha Informativa sobre o texto narrativo e as categorias da narrativa. (25m)	- Apreender os sentidos dos textos;	- Utilizar uma expressão escrita correta no plano lexical, morfológico, semântico, ortográfico e de pontuação;	- Captar sentidos implícitos, fazer inferências, deduções;	- Identificar classe e subclasse de palavras;	Anexo 1
Entrega e leitura do excerto do livro "O Barão" de Branquinho da Fonseca (10m)	- Apreender criticamente o significado e a intencionalidade da mensagem dos textos;	Escrever de forma legível;	- Usar vocabulário próprio;	- Dominar as regras do discurso direto e indireto;	Anexo 2
Entrega e elaboração e correção da Ficha Exercícios (50m)	- Ler com fluência;		- Seleciona informação relevante;	- Distinguir relações entre as palavras (homofonia, homografia, homonímia e paronímia);	Anexo 3
	- Reconhecer o valor estético da língua;		- Capta a ideia principal e/ou pormenores;	-	



Escola Secundária c/ 3º Ciclo de Pedro Nunes

Literatura Portuguesa 11º Ano

Mestranda Susana Marta Pereira

PLANO DE AULA

Sumário: Início ao estudo da obra “Um Auto de Gil Vicente” de Almeida Garrett. Contexto histórico. Qual o papel de Garret no renascimento do Teatro Nacional e quais as características do teatro romântico.

Data	16 de Outubro de 2012
Duração	90 minutos
Temática	Auto de Gil Vicente – Almeida Garrett (Teatro/Romantismo)

Guião da aula/Tempo	Avaliação dos alunos				Recursos
	Leitura	Escrita	Compreensão/ Expressão oral	Funcionamento da Língua	
Sumário e chamada (5m)					Quadro e caneta
O Teatro Romântico em Portugal: Contexto Histórico (20 m)	-Distinção entre o essencial e o acessório -Procura do significado global da mensagem,	-Tomada de notas -Distinção entre o essencial e o acessório	- Emissão de comentários e opiniões críticas de forma estruturada e clara - Expressão de sentimentos ou emoções		Anexo 1
Qual o papel de Garret no renascimento do Teatro? Nacional (20 m)	- Análise pormenorizada do texto.		- Observação de factos, pensamentos e experiências; -Detecção de diferenças e semelhanças entre textos, inferindo sobre os efeitos do contexto e sobre interpretações produzidas por outros leitores;		Anexo 1
Quais as características do teatro Romântico? (Teatro romântico versus Teatro Clássico) “Um Auto de Gil Vicente” Início ao estudo e leitura da obra de Almeida Garrett	-Distinção entre o essencial e o acessório - Apreender os sentidos dos textos -Identificar relações formais ou de sentido, abrindo redes intertextuais.		-Antecipar conteúdos a partir de indícios - Antecipar o assunto de um texto, mobilizando conhecimentos anteriores - Reflexão em grupo sobre as questões coladas pela turma e pela professora. -Utilizar uma terminologia literária adequada e rigorosa sempre que o discurso analítico assim o suscitar - Sustentação da argumentação.		Anexo 1 Anexo 2 Anexo 3
Visionamento de um pequeno excerto do filme “A Paixão de Shakespeare” Shakespeare in Love) (5m)			- Captar sentidos implícitos, fazer inferências, deduções.		http://www.youtube.com/watch?v=i3Zi2N1Q8-Y Projetor

Trabalho para casa:

Continuação da Leitura da Obra “Auto de Gil Vicente” de Almeida Garrett.

Objectivo Geral: Diversificar as experiências de leitura de modo a desenvolver a reflexão crítica, a sensibilidade estética e a imaginação. Desenvolver a competência de leitura crítica a partir do contacto com vários modos, géneros e convenções textuais; Apreciar a Literatura, reconhecendo-lhe a sua função de valorização social, cultural, pessoal e ética;



Escola Secundária c/3º Ciclo de Pedro Nunes

Literatura Portuguesa 11º Ano

- [...] Hoje vamos falar sobre o **Romantismo**, ao qual podemos chamar a última grande época cultural da Europa. [...]

- O Romantismo durou tanto tempo?

- Começou em finais do século XVIII e durou até meados do século passado. Mas a partir de 1850 já não faz sentido falar de épocas completas que abranjam do mesmo modo poesia e filosofia, arte, ciência e música.

- Mas o Romantismo foi ainda uma dessas épocas?

- Sim, e como disse, a última na Europa. Teve início na Alemanha como reação ao culto da razão no Iluminismo. Após Kant e a sua fria filosofia racional, os jovens na Alemanha pareciam respirar fundo.

- E o que é que colocaram no lugar da razão?

- Os novos *slogans* eram «sentimento», «fantasia», «vivência» e «nostalgia». Alguns pensadores do Iluminismo também tinham apontado para a importância dos sentimentos - por exemplo, Rousseau - e criticado a insistência exclusiva da razão. Esta corrente secundária tornou-se a corrente principal da vida cultural alemã.

- Então Kant não foi popular por muito tempo?

- Sim e não. Muitos românticos viam-se como herdeiros de Kant. Kant afirmara que havia limites para aquilo que podemos conhecer. Por outro lado, mostrara como era importante o contributo do eu para o conhecimento. E agora, no Romantismo, o indivíduo tinha, por assim dizer, livre curso para a sua interpretação pessoal da existência. Os românticos professavam um culto quase desenfreado do eu. Por isso, a essência da personalidade romântica é também o génio artístico.

- Havia muitos génios naquela época?

- Alguns. *Beethoven*, por exemplo. Na sua música, encontramos uma pessoa que exprime os seus próprios sentimentos e nostalgias. Deste modo, Beethoven era um artista «livre» - ao contrário dos mestres do Barroco como Bach e Haendel que compunham as suas obras para glória de Deus e geralmente segundo regras rigorosas.

- Eu conheço apenas a sonata *Ao luar* e a *Quinta Sinfonia*.

- Mas vê como é romântica a sonata *Ao luar* e como Beethoven se exprime de forma dramática na *Quinta Sinfonia*.

- Disseste que os humanistas do Renascimento também eram individualistas.

- Sim, há muitos paralelismos entre o Renascimento e o Romantismo. Um desses paralelismos é, por exemplo, o grande valor dado à importância da arte para o conhecimento humano. Também neste aspeto, Kant tinha aberto caminho para o Romantismo. Na sua estética, ele investigara o que sucede quando somos dominados por uma coisa bela, uma obra de arte, por exemplo. Quando vemos uma obra de arte sem outro interesse que o de «vivê-la» tão intensamente quanto possível, ultrapassamos o limite daquilo que podemos conhecer, ou seja, o limite da nossa razão.

- Isso quer dizer que o artista nos proporciona algo que o filósofo não pode proporcionar-nos?

- Era assim que Kant pensava, e juntamente com ele os românticos. [...]

O poeta romântico inglês Coleridge exprimiu a mesma ideia do seguinte modo:

(E se adormecesses? E se, no teu sono, sonhasses? E se, no teu sonho, subisses aos céus e ali colhesses uma estranha e bela flor? E ainda se, ao acordares, tivesses a flor na tua mão. Ah, como seria, então?)

- Que bonito!

- Este desejo de algo longínquo e inatingível era típico dos românticos. Eles também podiam ter a nostalgia de um mundo desaparecido - por exemplo, a Idade Média, que no Iluminismo fora tida pela idade das trevas e era agora revalorizada. Ou tinham nostalgia de culturas distantes, por exemplo, o «Oriente» com a sua mística. E sentiam-se atraídos pela noite, por ruínas antigas e pelo sobrenatural. Preocupavam-se com aquilo a que chamamos o lado noturno da vida, ou seja, o obscuro, o lúgubre e místico.

- Acho que parece uma época excitante. Mas quem eram então esses românticos?

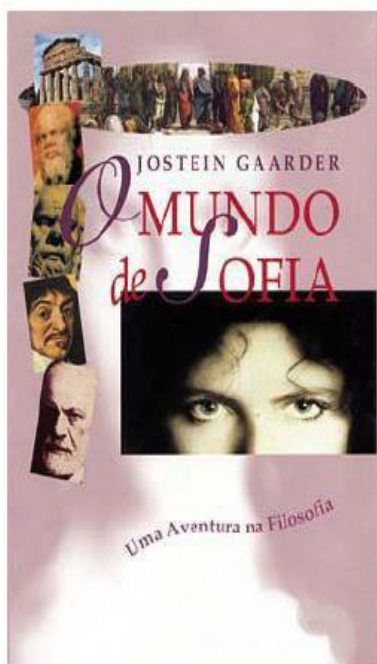
- O romantismo foi sobretudo um fenómeno urbano. [...]

- Quando dizes «romântico», eu penso em grandes pinturas de paisagens. Vejo florestas misteriosas e a natureza selvagem... Envolvidas em névoa.

- Aos traços mais característicos do Romantismo pertenciam efetivamente a nostalgia pela natureza e uma verdadeira mística natural. Era um fenómeno urbano, como disse - uma coisa deste género não surge no campo. Sabes que o estribilho «Retorno à natureza!» provém de Rousseau. Só então, no Romantismo, é que este mote recebeu um verdadeiro impulso.

Gaarder, Jostein, O MUNDO DE SOFIA, 5ª edição, Editorial Presença, Lisboa, 1995

Prática de Ensino Supervisionada
Mestranda Susana Marta Pereira



Ludwing van Beethoven (1770 - 1827)

O Mundo de Sofia de Jostein Gaarder
ISBN: 9789722319492



Escola Secundária c/3º Ciclo de Pedro Nunes

Literatura Portuguesa 11º Ano

O Anjo Caído

Era um anjo de Deus
 Que se perdera dos céus
 E terra a terra voava.
 A seta que lhe acertava
 5 Partira de arco traidor,
 Porque as penas que levava
 Não eram penas de amor.

O anjo caiu ferido,
 E se viu aos pés rendido
 10 Do tirano caçador.
 De asa morta e sem splendor
 O triste, peregrinando
 Por estes vales de dor,
 Andou gemendo e chorando.

15 Vi-o eu, o anjo dos céus,
 O abandonado de Deus,
 Vi-o, nessa tropelia
 Que o mundo chama alegria,
 Vi-o a taça do prazer
 20 Pôr ao lábio que tremia...
 E só lágrimas beber.



Ninguém mais na terra o via,
 Era eu só que o conhecia...
 Eu que já não posso amar!
 25 Quem no havia de salvar?
 Eu, que numa sepultura
 Me fora vivo enterrar?
 Loucura! ai, cega loucura!

Mas entre os anjos dos céus
 30 Faltava um anjo ao seu Deus;
 E remi-lo e resgatá-lo,
 Daquela infâmia salvá-lo
 Só força de amor podia.
 Quem desse amor há-de amá-lo,
 35 Se ninguém o conhecia?

Eu só, - e eu morto, eu descrido,
 Eu tive o arrojo atrevido
 De amar um anjo sem luz.
 Cravei-a eu nessa cruz
 40 Minha alma que renascia,
 Que toda em sua alma pus,
 E o meu ser se dividia,

Porque ela outra alma não tinha,
 Outra alma senão a minha...
 45 Tarde, ai! tarde o conheci,
 Porque eu o meu ser perdi,
 E ele à vida não volveu...
 Mas da morte que eu morri
 Também o infeliz morreu.

Garrett, Almeida, "Folhas Caidas"



Escola Secundária c/3º Ciclo de Pedro Nunes

Literatura Portuguesa 11º Ano

MITOLOGIA CLÁSSICA

Cupido

Cupido, também conhecido como Amor, era, em Roma, o deus equivalente ao deus grego Eros. Filho de Vénus, a deusa do amor e de Marte, o deus da guerra, andava sempre com seu arco, pronto para disparar sobre o coração de homens e deuses. Teve um romance muito famoso com a princesa Psique, a deusa da alma.

Cupido encarnava a paixão e o amor em todas as suas manifestações. Assim que nasceu, Júpiter (pai dos deuses), sabedor das perturbações que iria provocar, tentou obrigar Vénus a desfazer-se dele. Para protegê-lo, a mãe escondeu-o num bosque, onde ele se alimentou com leite de animais selvagens.



Cupido (1891) de William-Adolphe

Cupido era geralmente representado por um menino alado que carregava um arco e setas. Os ferimentos provocados pelas setas que atirava despertavam amor ou paixão nas suas vítimas. Outras vezes representavam-no vestido com uma armadura semelhante à que usava Marte, talvez para assim sugerir paralelos irónicos entre a guerra e o romance ou para simbolizar a invencibilidade do amor. Embora fosse algumas vezes apresentado como insensível e descuidado, Cupido era, em geral, tido como benéfico em razão da felicidade que concedia aos casais, mortais ou imortais. No pior dos casos, era considerado malicioso pelas combinações que fazia, situações em que agia orientado por Vénus.



“O mito é o nada que é tudo” Fernando Pessoa



Escola Secundária c/3º Ciclo de Pedro Nunes
Literatura Portuguesa 11º Ano

O TEATRO ROMÂNTICO

(Informação a reter)

Características:

1. Inclusão do sublime e do grotesco na mesma obra.
2. Frases conformes à índole dos protagonistas, alheias a preconceitos e a preocupações com o sublime.
3. As personagens devem ser tipos individualizados, revivendo nas cenas a verdade dramática da vida comum.
4. A mesma ação desenvolvida num só dia e num mesmo lugar não convém à agitação passional que fermenta no Romantismo. Só a unidade de ação se admitirá no teatro romântico.

- ψ Não esqueçamos que o drama «é a luta entre personagens, ou luta dentro da mesma personagem — luta cujo desfecho incerto traz suspense a curiosidade e a simpatia do espectador».
- ψ Na tragédia «não há tanto a luta como a expectativa terrífica de um desfecho que se aproxima a passos fatais, e contra o qual não vale astúcia humana, como diria Camões. (A. J. Saraiva, Para a História da Cultura em Portugal, II, Lisboa, 1961, pág. 35).
- ψ Assim, enquanto os protagonistas da tragédia, por mais que esbracejem, nos surgem impotentes para evitar o desencadear da desgraça, os protagonistas do drama, pelo esforço, inteligência ou manha, podem mudar o curso dos acontecimentos, levando a ação, se calhar, a terminar em apoteose.

Teatro clássico

1. Separação do trágico e do cómico.
2. Linguagem seleta e majestosa, sobretudo na tragédia.
3. As personagens são figuras de psicologia geral e abstrata.
4. Exigem-se as unidades de ação, tempo e lugar.





Escola Secundária c/3º Ciclo de Pedro Nunes
Literatura Portuguesa 11º Ano

GUIÃO DE DEBATE

Um debate é um diálogo ordenado e metódico, dirigido por um moderador, entre várias pessoas que mantêm pontos de vista diferentes sobre um tema fixado com antecedência.

Para que esse debate seja possível, é necessário que todos os participantes estudem antecipadamente o tema a debater. Depois, e em função das posições antagónicas, organizam-se dois grupos que vão defender as suas opiniões. Deve-se então seleccionar um moderador, dois ou três observadores (que não tomarão posição quanto ao tema) e dois secretários, um de cada grupo.

O debate é constituído pelas seguintes partes:

Apresentação - Apresentação dos participantes e do tema central, por parte do moderador;

Exposição inicial - Muito brevemente, cada participante expõe a sua opinião sobre o tema;

Discussão - Os participantes no debate devem respeitar a ordem de intervenção fixada pelo moderador e exprimem de forma ordeira a sua opinião e argumentos. Nenhum participante deve interromper quem está a falar nem alargar e monopolizar o tempo;

Conclusão - Há uma sintetização, para saber a que conclusão a que chegou durante o debate;

Despedida - O debate é encerrado pelo moderador que destaca o que de mais importante se disse e expõe as conclusões a que se chegou.

ARGUMENTAR NUM DEBATE

Ao participar num debate, há que fixar posição a favor ou contra um ponto de vista. Para isso, tem de saber argumentar. Argumentar é expor as razões pelas quais se fundamenta uma opinião.

COMO SE DEVE ARGUMENTAR

A linguagem deve ser muito clara e ordenada;

Antes de argumentar, há que analisar a ideia que se defende, para destacar os aspetos positivos e contestar os negativos;

É importante reforçar as razões apresentadas com dados concretos e exemplos. Há que organizar as ideias de modo a que tenham ligação entre si.

Para dar razões é preciso exprimir causa e consequência. Por isso é bom que conheças as:

- Expressões que exprimem causa: porque, visto que, por causa de,...
- Expressões que exprimem consequência: portanto, tanto...que, tanto assim que, este facto mostra que...





Escola Secundária c/3º Ciclo de Pedro Nunes
Literatura Portuguesa 11º Ano

ANEXO 9

AVALIAÇÃO DA EXPRESSÃO ORAL - Debate

Alunos	Atitudes e Comportamentos							Nota Final
	Expressão Oral					Estratégias Argumentativas		
	Fluência	Articulação e correção gramatical	Vocabulário variado e adequado	Dicção clara, tom audível, ritmo	Registo adequado	Argumentação adequada	Captação da atenção	
1								
2								
3								
4								
5								
6								
7								
8								
9								
10								
11								
12								
13								
14								
15								
16								
17								

Parâmetros de Classificação: **MB** Muito bom; **B** Bom; **S** Suficiente; **IN** Insuficiente; **M** Mau

CESÁRIO VERDE

"VT PICTVRA POESIS"

Edouard Manet

1862

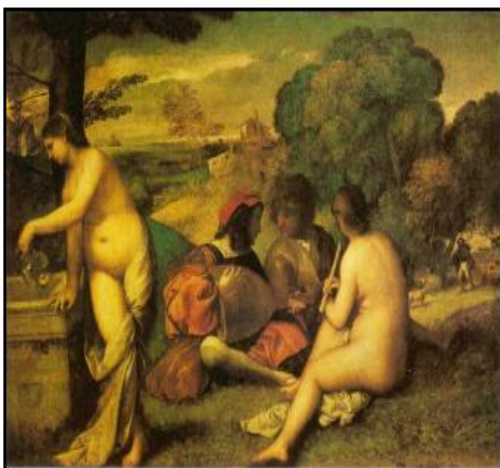
"Le déjeuner sur l'herbe"



GIORGIONI

1510

"Concert champêtre"



Picasso

1961

"Le déjeuner sur l'herbe"



Jean Faucheur

2011

"Le déjeuner sur l'herbe à Belleville"



Giuseppe Arcimboldo

1526-1593

"O Jardineiro"



"Imperador Rodolfo II"



Freya Jobbins

2012

"New life to Ken"

(escultura)



André Martins de Barros

2011

"sem título"





Escola Secundária c/3º Ciclo de Pedro Nunes
Literatura Portuguesa 11º Ano

POESIA

De Tarde

Cesário Verde (1887)

Naquele “pic-nic” de burguesas,
Houve uma cousa simplesmente bela,
E que, sem ter história nem grandezas,
Em todo o caso dava uma aguarela.
Foi quando tu, descendo do burrico
Foste colher, sem imposturas tolas,
A um granzoal azul de grão-de-bico
Um ramalhete rubro de papoulas

Pouco depois, em cima duns penhascos,
Nós acampámos, inda o sol se via;
E houve talhadas de melão, damascos,
E pão-de-ló molhado em malvasia.
Mas, todo púrpuro a sair da renda
Dos teus dois seios como duas rolas
Era o supremo encanto da merenda
O ramalhete rubro das papoulas!



“Le déjeuner sur l’herbe” de Édouard Manet

Cesário Verde

(variante sem burguesas)

Nuno Júdice (2008)

Naquele piquenique de deusas, serviam
ambrósia e sanduíches de cisne, com
molho de via láctea à mistura. Vénus,
de véu na cabeça, desatou-o; e os seus
cabelos derramaram-se pelo copo, para
que Vulcano se engasgasse, ao beber,
e Marte lhe batesse nas costas, fazendo
inchar mais ainda a sua corcunda. Mas
quando a pálida Diana, num crescente
de lua, tirou a saia, e os sátiros saíram
de dentro das pregas, todos olharam
para o lado, e foi a coisa mais bela da
merenda: Os seus seios soltos, e os doces
melões servidos na bandeja do céu.

Homenagem a Cesário Verde

Mário Cesariny (1957)

Aos pés do burro que olhava o mar
depois do bolo-rei comeram-se sardinhas
com as sardinhas um pouco de goiabada
e depois do pudim, para um último cigarro
um feijão branco em sangue e rolas cozidas

Pouco depois cada qual procurou
com cada um o poente que convinha.
Chegou a noite e foram todos para casa ler
Cesário Verde que ainda há passeios ainda
há poetas cá no país!



Escola Secundária c/3º Ciclo de Pedro Nunes
Literatura Portuguesa 11º Ano

O meu cachimbo

Ó meu cachimbo! Amo-te imenso!
Tu, meu turíbulo sagrado!
Com que, Sr. Abade, incenso
A abadia do meu passado.

Fumo? E ocorre-me à lembrança
Todo esse tempo que lá vai,
Quando fumava, ainda criança,
Às escondidas de meu pai.

Vejo passar a minha vida,
Como num grande cosmorama:
Homem feito, pálida ermida,
Infante, pela mão da ama.

Por alta noite, às horas mortas,
Quando não se ouve pio, ou voz,
Fecho os meus livros, fecho as portas
Para falar contigo a sós.

E a noite perde-se em cavaco,
Na Torre de Anto, aonde eu moro!
Ali, metido no buraco,
Fumo e, a fumar, às vezes... choro.

Chorando (penso e não digo)
Os olhos fitos neste chão,
Que tu és leal, és meu amigo...
Os meus amigos onde estão?
(...)

Hoje, delícias no abandono!
Vivo na paz, vivo no limbo:
Os meus amigos são o Outono,
O mar e tu, ó meu cachimbo!

Ah! Quando for do meu enterro,
Quando partir gelado, enfim,
Nalgum caixão de mogno e ferro,
Quero que vás ao pé de mim.

Santa mulher que me tratares,
Quando em teus braços desfaleça,
Caso meus olhos não cerrares,
Embora! Que isto não te esqueça:

Coloca, sob a traveseira,
O meu cachimbo singular
E enche-o, solícita enfermeira,
Com *Gold-Fly* para eu fumar...

Como passar a noite, amigo!
No *Hotel da Cova* sem conforto?
Assim levando-te comigo,
Esquecer-me-ei de que estou morto...

António NOBRE, *Só*

O cachimbo

Sou o cachimbo de um autor.
Vê-se, ao contemplar meu semblante
De cafre ou de abissínia errante,
Que muito fuma o meu senhor.

Quando ele está cheio de dor,
Sou como a choça fumegante
Onde a comida aguarda o instante
Em que regressa o lenhador.

Sua alma embalo docemente
Na rede azul e movediça
Que em minha boca o fogo atija.

E entorno um bálsamo envolvente
Que ao coração lhe traz a calma
E lhe dá cura aos males da alma.

Charles BAUDELAIRE, *As flores do mal*.



Vincent Van Gogh (1889) Auto-Retrato

SIMBOLISMO

Etimologia

Latim

symbolus

(símbolo de fé)

symbolus

(símbolo de reconhecimento)

Grego

Συμβόλιον

Objeto dividido em dois, como sinal de reconhecimento. Geralmente era um péz de aliança partilhado pelas embaixadoras das cidades-estado, como sinal de aliança.

Paul Gauguin (1848 - 1903) Francês
"Visto depois do Sermão" 1888



Paul Gauguin
"A Criança Maria" (Ave Maria) 1891

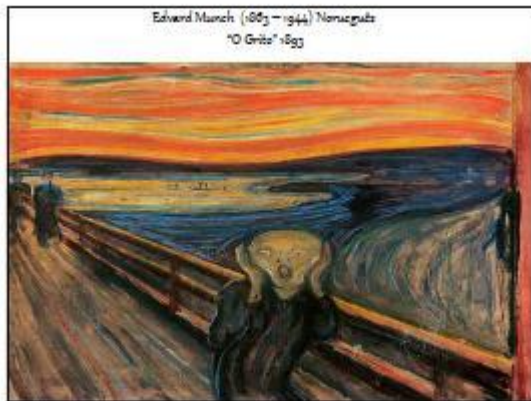


Fernand Khnopff (1858-1915) Belga
"A Criança" 1897



Carl Gustav Schwab (1877-1927) Alemão
"A morte de Couvain" 1898





CLAUDE DEBUSSY

- <http://www.youtube.com/watch?v=0I4bSKpvDOC>
 - « *Prélude à l'après-midi d'un faune* »
(Prélúdio à tarde de um fauno)

Baseado no poema simbolista de Mallarmé

- "*L'après-midi d'un faune*"
(A tarde de um fauno)

ANTÓNIO CARNEIRO (1871-1930) Português (Porto)
Triféptico "A Vida - Esperança, Amor, Saudade" (1899-1900)



"ECCE HOMO"
1901



Escola Secundária c/3º Ciclo de Pedro Nunes
Literatura Portuguesa 11º Ano

A HORA DOS FANTASMAS

Que horas são? Perguntou Pessoa.

É quase meia-noite, respondeu Álvaro de Campos, a melhor hora para te encontrar, é a hora dos fantasmas.

Porque é que vieste? Perguntou Pessoa.

Porque se tu te vais, temos um certo número de coisas a dizer um ao outro, respondeu Álvaro de Campos, eu não te sobreviverei, partirei contigo, e antes de mergulhar na obscuridade temos um certo número de coisas a dizer um ao outro.

Pessoa ergueu-se na almofada, bebeu um gole de água e perguntou: que mais fizeste tu?

Meu caro, respondeu Álvaro de Campos, vejo com prazer que não me chamas engenheiro nem me tratas por você, que me tratas com familiaridade.

É evidente, respondeu Pessoa, tu entraste na minha vida, substituíste-te a mim, foste tu que fizeste com que a minha relação com Ophélia acabasse.

Fi-lo para teu bem, replicou Álvaro de Campos, essa miúda emancipada não convinha a um homem da tua idade, teria sido um casamento falhado. E depois, sabes, todas aquelas cartas de amor que lhe escreveste são ridículas, em suma salvei-te do ridículo, espero que me estejas agradecido.

Eu amei-a, murmurou Pessoa.

Com um amor ridículo, replicou Álvaro de Campos.

Sim, é possível, pode ser que sim, respondeu Pessoa, e tu?

Eu?, perguntou Campos. Eu, ora, eu tenho o sentido da ironia, escrevi um soneto que nunca te mostrei, fala de um amor que te vai embaraçar, porque é dedicado a um jovem, um jovem que amei e que me amou em Inglaterra. Em suma, é depois deste soneto que vai nascer a lenda dos teus amores recalçados, vai fazer a felicidade de certos críticos.

Amaste verdadeiramente alguém?, perguntou Pessoa.

Amei verdadeiramente alguém, respondeu Campos em voz baixa.

Então, absolvo-te, disse Pessoa, absolvo-te, julgava que na tua vida só tinhas amado a teoria.

Não, disse Campos aproximando-se da cama, também amei a vida, e se as minhas odes futuristas e furibundas foram *blague*, se nas minhas poesias nihilistas destruí tudo, até eu mesmo, fica a saber que também eu amei na minha vida, com uma dor consciente.

Pessoa levantou a mão e fez um gesto esotérico. Disse: absolvo-te, Álvaro, vai com os deuses eternos, se tiveste amores, se tiveste um só amor; estás absolvido, porque és uma pessoa humana, é a tua humanidade que te absolve.

Posso fumar?, perguntou Campos.

Pessoa fez um gesto afirmativo com a cabeça. Campos tirou do bolso uma cigareira de prata e pegou num cigarro, enfiou-o numa comprida boquilha de marfim e acendeu-o.

Sabes, Fernando, tenho saudades de quando era um poeta decadente, da época em que fiz aquela viagem de pacote nos mares do Oriente, sim, então teria sido capaz de escrever versos à lua, garanto-te, à noite, no convés, quando havia baile a bordo, a lua era tão teatral, era de tal modo minha. Mas nesse tempo eu era estúpido, fazia ironia com a vida, não sabia aproveitar a vida que me era dada, e foi assim que perdi a oportunidade e a vida me escapou.

E depois?, perguntou Pessoa.

Depois, comecei a querer decifrar a realidade, como se a realidade fosse decifrável, e veio o desencorajamento. E com o desencorajamento, o niilismo. Em seguida, já não acreditei em nada, nem mesmo em mim. E hoje aqui estou à tua cabeceira, como um farrapo inútil, fiz as malas para lado nenhum, e o meu coração é um balde despejado.

Campos dirigiu-se para a mesa de cabeceira e apagou o morrão do cigarro num pratinho de loiça.

Bem, meu caro Fernando, acrescentou, precisava de te dizer tudo isto agora que vamos talvez deixar-nos, tenho de ir, sei que os outros também virão ver-te e já não te resta muito tempo, adeus.

Campos pôs o sobretudo pelos ombros, ajustou o monóculo no olho direito, fez um rápido gesto de despedida com a mão, abriu a porta, deteve-se um instante e repetiu: adeus Fernando. Depois disse: as cartas de amor talvez não sejam todas ridículas. E fechou a porta.

ÁLVARO DE CAMPOS



BIOGRAFIA

Álvaro de Campos nasceu em Tavira, no dia 15 de Outubro de 1890 (às 1.30 da tarde, diz-me o Ferreira Gomes, e é verdade, pois, feito o horóscopo para essa hora, está certo). Este, como sabe, é engenheiro naval (por Glasgow), mas agora está aqui em Lisboa em inactividade. (...)

Álvaro de Campos é alto (1,75 m de altura, mais 2 cm do que eu), magro e um pouco tendente a curvar-se. Cara rapada [...] entre branco e moreno, tipo vagamente de judeu português, cabelo, porém, liso e normalmente apartado ao lado, monóculo. [...]

Álvaro de Campos teve uma educação vulgar de liceu; depois foi mandado para a Escócia estudar engenharia, primeiro mecânica e depois naval. Numas férias fez a viagem ao Oriente de onde resultou o Opiano. Ensinou-lhe latim um tio beirão que era padre. [...]

Fernando Pessoa, *Conversação* (1925-1935), edição: Mariana Pereira da Silva

JOHN MILTON
1808-1874
INGLATERRA



"Paradise Lost"
(Paraíso Perdido)
Publicado em 1667

The mind is
its own place,
and in itself
can make
a heaven of hell,
a hell of heaven.



John Milton
Paradise Lost

WALT WHITMAN
1819-1892
E.U.A.



EDGAR ALLAN POE
1809-1849
E.U.A.



"Tempos Modernos"
[1936]

Charlie Chaplin



<http://www.usinfo.de.com/earth/earth/WWW/INM>



"Metropolis"

[1927]

Fritz Lang

<http://www.metropolis.com.br/>

MARINETTI, ACADEMICO

Marinetti, académico...
As Musas vingaram-se com focos eléctricos, meu velho,
Puseram-te por fim na ribalta da cave velha.
E a tua dinâmica, sempre um bocadito italiana, fffffffffff.....

FILLIPO TOMMASO MARINETTI
1876-1944

Publica em 1908 no jornal
"Le Figaro"

o
"Manifesto Futurista"

<http://www.youtube.com/watch?v=3oCKNrvXUY>



UMBERTO BOCCIONI (1913)



A Cabeça (1910)



SANTA -RITA PINTOR 1889-1918



SENSACIONISMO

"A única realidade para mim são as minhas sensações. Eu sou uma sensação minha. Portanto nem da minha própria existência estou certo. Posso está-lo apenas daquelas sensações a que eu chamo minhas.

A verdade? É uma coisa exterior? Não posso ter a certeza dela, porque não é uma sensação minha, e eu só destas tenho a certeza. Uma sensação minha? De quê?

Procurar o sonho é pois procurar a verdade, visto que a única verdade para mim, sou eu próprio. Isolar-se tanto quanto possível dos outros é respeitar a verdade."

Textos Filosóficos, Vol. 1, Fernando Pessoa
(Estabelecido e prefaciado por António de Faria Coelho.)
Lisboa: Ática, 1966

TRÊS FASES

1º DECADENTISMO: Surge com uma atitude finissecular que exprime o tédio, o enfado, a náusea, o cansaço, o abatimento e a necessidade de novas sensações; Traduz uma falta de sentido para a vida e a necessidade de fuga à monotonia. Encontra-se marcado pelo Romantismo e Simbolismo;

2º FUTURISTA E SENSACIONISTA: Nesta fase é celebrado o triunfo da máquina, da energia mecânica e da civilização moderna. A beleza da força da máquina por oposição à beleza tradicional, exaltando o progresso técnico.

3º INTIMISTA: Perante a incapacidade das realizações, traz de volta o abatimento, que provoca um cansaço, um vazio, que o leva a sentir-se um marginal e um incompreendido. 2



Escola Secundária c/3º Ciclo de Pedro Nunes
Literatura Portuguesa 11º Ano

Qvintvs Horativs Flaccvs

Nasce a 8 de Dezembro de 65 a.C. em Venúsia, num pequeno povoado entre Lucânia e Apúlia, que era uma colónia romana. Filho de um libertado, alcança grandes metas, sempre à custa dos seus próprios méritos, dizendo muitas vezes *libertino patre natus*, exibindo assim não uma inferioridade social mas um sereno orgulho, que o acompanhará durante toda a sua vida.

Apesar de sabermos a influência que os autores gregos tiveram na sua lírica é, hoje, inegável a sua originalidade. A sua forma artística é expressa através de uma profunda cultura literária, apresentando novidade nas problemáticas que desenvolve e utilizando com grande liberdade a influência do seu principal modelo, Alceu. Introduce na sua lírica referências aos costumes romanos, à actividade política, aos seus estados de espírito, à sua experiência pessoal, bem como às sensibilidades do seu tempo. A extrema dificuldade em adaptar a métrica grega à expressão latina, não vai impedir Horácio de adoptar essas regras métricas, conferindo à sua poesia um carácter académico e “normalizado”. Recupera, assim, os metros resgatados de uma época remota e desenterra outras convenções próprias da lírica arcaica, nomeadamente apresentando-se como cantor e acompanhando as suas odes com a sua própria lira. Era dessa forma que os líricos arcaicos se apresentavam junto do público. Nos seus temas, encontramos uma sensibilidade enriquecida não só pela sua experiência enquanto homem e cidadão, mas também pela elevada cultura, pela literatura e pela filosofia, fossem estas helénicas ou romanas. É de salientar, também, o epicurismo Horaciano que vai propor uma selecção de prazeres, estritamente necessários à natureza humana como precaução, a fim de evitar danos numa vida, que se quer serena, favorecendo o amor saudável, em detrimento das grandes paixões. A amizade, os banquetes e o vinho surgem como forma de proporcionar uma vida sem tumultos. Por outro lado, não descuidada uma educação severa e a aceitação do destino, sem nunca comprometer a serenidade do momento presente com ambições e temores sobre um futuro que não controlamos. Anuncia assim que a angústia pelo amanhã deverá ser evitada e a consciencialização da fugacidade da vida deverá ser assimilada, não de uma forma violenta, mas de uma forma tranquila.

A melhor forma de conhecer Horácio é ouvir a sua obra, pois é nas suas próprias palavras que o encontramos. Vai cantar o amor, os prazeres da vida, a Primavera, meditar sobre a morte, a felicidade e celebrar os triunfos do seu tempo, enaltecendo a grandeza de Roma, fazendo com que as suas Odes encontrem um tom grave, leve, profundo, sonhador ou moralizante. Guia-nos através da insatisfação humana, da precariedade, da insensatez dos comportamentos aranjando conselhos prudentes para que a paz, a tranquilidade ou o amor, prevaleçam sobre a ilusão do poder e das riquezas, pois é no excesso que o homem encontra o sofrimento. E a subtilidade com que deixa em aberto as suas odes, recorrendo a imagens ou meditações, dá-lhes não uma moral mas uma abertura de reflexão por parte do leitor, proporcionando assim uma meditação livre e conscienciosa.

Apesar de ter nascido há mais de dois milénios, a sua obra sobreviveu, tendo influenciado grandes autores portugueses. É através da obra de Camões que a influência de Horácio surge na produção poética nacional. Numerosos tradutores e imitadores surgem nesta época em Portugal. Diogo Bernardes e Pedro de Andrade Caminha tentaram também algumas traduções de Horácio.



Escola Secundária c/ 3º Ciclo de Pedro Nunes
Literatura Portuguesa 11º Ano

Com o seu Arcadismo, Horácio vai despertar muito interesse em Portugal, por volta de meados do século XVIII. A Marquesa de Alorna (1758) traduz a *Ars Poética* (*Epistola ad Pisones*), e o número de imitadores cresce. E será ainda no século XVIII, que trará à linha o nome de António Correia de Garção, conhecido, aliás, como “o Horácio português”. Menéndez y Pelayo, diz de Garção: “[...] *não tem nenhuma originalidade nem terá deixado talvez ideia ou composição própria. Mas na estrutura poética é um mestre*”¹. Mas será no século XX, em Portugal, que Horácio ressurgirá em pleno com o seu grande discípulo Ricardo Reis.

¹ MENENDEZ Y PELAYO. *Horacio en España* Madrid: 1885 apud PEREIRA, Maria Helena Rocha Reis. *Reflexos Horacianos nas Odes de Correia Garção e Fernando Pessoa* (Ricardo Reis). Porto: Portucale, 1950, pp. 54-55.

EPICURISMO E STOICISMO

São duas doutrinas morais

"A filosofia não visa assegurar qualquer coisa externa ao homem. Isso seria admitir algo que está além de seu próprio objecto. Pois assim como o material do carpinteiro é a madeira, e o do estatuário é o bronze, a matéria-prima da arte de viver é a própria vida de cada pessoa."

Epiteto

EPICURISMO

É o sistema filosófico ensinado por Epicuro de Samos, filósofo Ateniense, do século IV a.C e seguido depois por outros filósofos, apelidados de epicuristas.

Epicuro acreditava que o maior bem era a procura de prazeres moderados de forma a atingir um estado de tranquilidade (ataraxia) e de libertação do medo, assim como a ausência de sofrimento corporal (aponia) através do conhecimento do funcionamento do mundo e da limitação dos desejos.

STOICISMO

Vem da palavra Stoa Poikile (Στοά Ποικίλη) que significa Pórtico Pintado, foi um antigo edifício da Ágora de Atenas, onde o filósofo Zenão de Citio se reunia regularmente com seus seguidores e fazia as suas palestras, surgindo assim a escola filosófica, que veio a ser denominada de estoicismo, devido ao termo "stoa".

O estoicismo ensina o desenvolvimento do auto-controle e da firmeza como meio para superar as emoções destrutivas, a filosofia defende que tornar-se um pensador claro e imparcial permite compreender a razão universal (*logos*). Um aspecto fundamental do estoicismo envolve a melhoria da ética do indivíduo e de seu bem-estar moral.

Como atingir uma vida plena ?

Epicurismo: Procura do Prazer . O verdadeiro prazer encontra-se na satisfação das necessidades essenciais como a amizade, liberdade e reflexão;

Estoicismo: A vida plena é uma aprendizagem constante da virtude. Aceitar a natureza, o destino e nada desejar;

Acreditam:

Epicurismo: Que devemos estar atentos às nossas necessidades e tentar satisfazê-las. Só assim podemos ser felizes:

Estoicismo: Que a virtude prende-se cultivando o despreendimento e a apatia face aos sentimentos e às paixões;

Argumentos

Epicurismo: A natureza humana é atraída pelo prazer e repudia a dor. A felicidade é a finalidade da moral, é preciso distinguir entre os prazeres que decorrem do vício (criam insatisfação) e os que decorrem da necessidade da necessidade satisfeita;

Estoicismo: As paixões e as emoções conduzem ao vício. É preciso destruir a paixão. Uma vontade forte não sofre com as decepções, também não se alegar com a felicidade;



Escola Secundária c/3º Ciclo de Pedro Nunes
Literatura Portuguesa 11º Ano

Não posso adiar o amor

Não posso adiar o amor para outro século
 não posso
ainda que o grito sufoque na garganta
ainda que o ódio estale e crepite e arda
 sob as montanhas cinzentas
 e montanhas cinzentas

Não posso adiar este braço
que é uma arma de dois gumes amor e ódio

Não posso adiar
ainda que a noite pese séculos sobre as costas
 e a aurora indecisa demore
não posso adiar para outro século a minha vida
 nem o meu amor
 nem o meu grito de libertação

António Ramos Rosa

Salmo

A vida
é o bago de uva
 macerado
nos lagares do mundo
 e aqui se diz
para proveito dos que vivem
 que a dor
 é vã
 e o vinho
 Breve.

Carlos de Oliveira


EXISTENCIALISMO

Søren Aabye Kierkegaard
Dinamarca
(1813 / 1855)



- É considerado o pai do existencialismo.
- Para ele o indivíduo é o único responsável por dar significado à sua vida e em vivê-la de maneira sincera e apaixonada, apesar da existência de muitos obstáculos e distrações como o desespero, a ansiedade, o absurdo e o tédio.
- A sua obra, na vertente psicológica, explora as emoções e sentimentos dos indivíduos quando

Friedrich Wilhelm Nietzsche
Alemanha
(1844 / 1900)

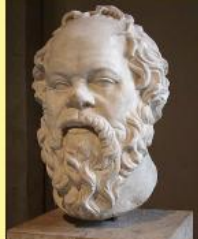


- Para Nietzsche o homem é individualidade irredutível, à qual os limites e imposições de uma razão que tolhe a vida permanecem estranhos a ela mesma, à semelhança de máscaras de que pode e deve libertar-se.
- O homem liberto de qualquer vínculo, senhor de si mesmo, o homem desprezador de qualquer verdade estabelecida.

" Nós, homens do conhecimento, não nos conhecemos; de nós mesmos não sabemos nada. Isso leva ao Nihilismo"

Sócrates (Σωκράτης)
Atenas
(469 a.C. / 399 a.C.)

Um dos fundadores da filosofia ocidental




- Segundo ele, a verdade, escondida em cada um de nós, só é visível aos olhos da razão.
- Acreditava que os erros são consequência da ignorância humana.
- Sócrates queria levar as pessoas a conhecerem-se a si próprias, se quiserem, a partir da problematização de conceitos.

"Conhece-te a ti mesmo"

Jean-Paul Sartre
Paris
(1905 / 1980)


Foi um filósofo, escritor e crítico francês, conhecido como representante do existencialismo.



"A existência precede a essência."

- O homem primeiro existe, depois define-se, enquanto todas as outras coisas são o que são, sem se definir.
- Esta definição funda a liberdade e a responsabilidade do homem, visto que ele existe sem que o seu ser seja predefinido. Durante a existência, à medida que se experimentam novas vivências redefine-se o próprio pensamento, adquirindo-se novos

"... se Deus não existe, há pelo menos um ser, no qual a existência precede a essência, um ser que existe antes de poder ser definido por qualquer conceito, e que este ser é o homem ou, como diz Heidegger, a realidade humana. Que significa então que a existência precede a essência? Significa que o homem primeiramente existe, se descobre, surge no mundo; e que só depois se define. O homem, tal como o concebe o existencialista, se não é definível, é porque primeiramente é



Albert Camus

(1913/1980)

Foi um escritor, romancista, ensaísta, dramaturgo e filósofo francês nascido na Argélia.



"Ao protestar contra a condição naquilo que tem de inacabado, pela morte, e de disperso, pelo mal, a revolta metafísica é a reivindicação motivada de uma unidade feliz contra o sofrimento de viver e morrer. (...) Ao mesmo tempo em que recusa a sua condição mortal, o revoltado recusa-se a reconhecer o poder que o faria viver nesta condição. O revoltado metafísico, portanto, certamente não é ateu, como se poderia pensar, é sim obrigatoriamente blasfemo. Ele blasfema, simplesmente em nome da ordem, denunciando Deus

Vergílio Ferreira

(Melo, 28 de Janeiro de 1916 — Lisboa, 1 de Março de 1996)



"Não queiras saber tudo. Deixa um espaço livre para te seres a ti."

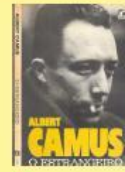
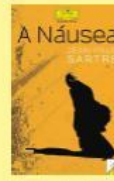
Nós vivemos habitualmente à superfície de nós, ligados ao que é da vida imediata, enredados nas mil futilidades com que se nos enchem os dias. Mas de vez em quando, o abismo da natureza, um livro ou uma música que dos abismos vem, abre-nos aos pés um precipício hiante e tudo se dilui num sentir que está antes e abaixo e mais longe que esse tudo. Há uma harmonia que em nós espera por um som, um acorde, uma palavra, para imediatamente se organizar e envolver-

A existência humana, em toda a sua natureza, é questionada

**Quem somos?
O que fazemos?
Para onde vamos?
Quem nos move?**

É esta consciência aguda de abandono e de solidão, que pode ser voluntária ou não, de impotência e de injustificabilidade das acções, que se manifesta nas principais obras desta corrente em que o filosófico e o literário se conjugam.

LITERATURA



CINEMA

"O Sétimo Selo" de Ingmar Bergman (1957)

<http://www.youtube.com/watch?v=1r-abDqLUJY>

"Gritos e Suspiros" de Ingmar Bergman (1972)

<http://www.youtube.com/watch?v=6Pwv-FYexpQ>

"O Sacrifício" de Andrei Tarkovsky (1986)

<http://www.youtube.com/watch?v=koatXus6iVE>

PINTURA

"Caveira com Cigarro" Vincent Van Gogh



"Natureza Morta " Paul Cézanne



"Jornada Ansiosa" Giorgio de Chirico (1913)



"Retrato Papa Inocêncio X"
Francis Bacon



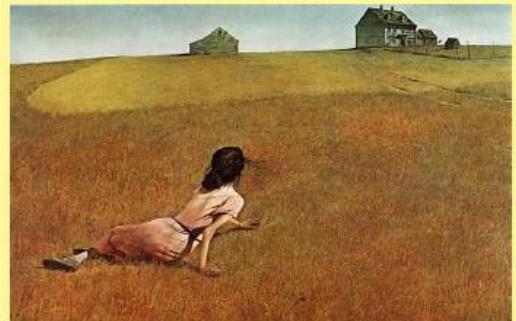
"Papa Inocêncio X" Diego Velazquez (1650)



"A persistência da Memória " Salvador Dali



"O Mundo de Cristina" Andrew Wyeth



"Angústia Existencial" Andrew Baines



"Noctívagos" Edward Hopper (1942)



EXISTÊNCIA PRECEDE A ESSÊNCIA

- Primeiro existimos como seres humanos e só depois decidimos quem somos através das nossas escolhas e do livre-arbítrio;
- Cada individuo possui uma existência única e a sua essência ou carácter é o produto de uma constante e gradual mudança , que ocorre com o passar do tempo;
- A sua essência é formada pelo seu passado, ao qual se acrescenta todos os momentos da vida
- Somos a suma das nossas decisões e das nossas escolhas;

PRINCIPAIS TEMÁTICAS

- Subjectividade
- Angústia
- Liberdade
- Absurdo
- A Existência precede a Essência
- Autenticidade e Inautenticidade



Escola Secundária c/3º Ciclo de Pedro Nunes
Português 8º Ano

TEXTO NARRATIVO

O Texto Narrativo é aquele que tem como objetivo representar acontecimentos ou factos, que têm lugar num determinado local e ao longo de um determinado espaço temporal. Ou seja, configura o desenvolvimento de uma ação, localizada no espaço e no tempo. Este relato inclui a participação de uma ou mais personagens, reais ou imaginárias, que se mantêm, normalmente, durante a narrativa, dando continuidade à ação.

1. **INTRODUÇÃO** ou situação inicial: Apresentam-se as personagens, situando-as num determinado tempo e espaço. Normalmente, são frequentes as sequências descritivas, neste momento inicial.
2. **DESENVOLVIMENTO** ou clímax: Surge o tema central do texto, no qual se apresenta uma série de conflitos, desequilibrando a situação inicial. Este momento representa o núcleo central da narração. Verificando-se a alternância entre situações de equilíbrio /desequilíbrio, que podem corresponder à ocorrência de vários episódios ou capítulos de uma narrativa.
3. **CONCLUSÃO** ou desenlace: Espaço onde se dá solução o conflito do desenvolvimento e se regressa, normalmente, a uma situação de equilíbrio.

CATEGORIAS DA NARRATIVA

1. **AÇÃO** – Conjunto de acontecimentos que constituem uma narrativa.

Relevo	Central – constituída pelos acontecimentos principais.
	Secundária – constituída pelos acontecimentos menos relevantes.
Estrutura	Encadeamento – as sequências encontram-se ordenadas cronologicamente.
	Encaixe – uma sequência é encaixada dentro da outra.
	Alternância – várias sequências vão sendo narradas alternadamente.
Momentos	Introdução – corresponde à situação inicial, onde se apresentam as personagens e o enredo.
	Desenvolvimento – desenrolar do enredo, conduzindo ao desenlace.
	Conclusão – corresponde ao desenlace.
Delimitação	Aberta – o desfecho da história fica suspenso.
	Fechada – o desenlace é definitivo, conhecendo-se o destino das personagens.



Escola Secundária c/3º Ciclo de Pedro Nunes
Português 8º Ano

2. PERSONAGENS – Agentes da narrativa em torno dos quais gira a ação.

Relevo	Principal – assume um papel preponderante, à volta da qual gira toda a ação.	
	Secundária – desempenha um papel de menor relevo, auxiliando a personagem principal.	
	Figurante – não intervém diretamente na ação, servindo apenas como figura decorativa.	
Composição	Modelada ou Redonda – o seu comportamento altera-se ao longo da narrativa.	
	Plana – comporta-se sempre do mesmo modo.	
	Tipo – representa um determinado grupo ou estrato social.	
Processos de Caracterização	Direta	- Heterocaracterização - feita pelo narrador ou outra personagem
		- Autocaracterização - feita pela própria personagem.
	Indireta – Deduzida pelo leitor a partir do comportamento, atitudes ou falas da personagem.	

3. ESPAÇO – Lugar, ambiente ou atmosfera interior onde decorre a ação.

Espaço	Físico – refere-se ao lugar onde se desenrola a ação.
	Social – refere-se ao meio ou ambiente onde a ação decorre.
	Psicológico – refere-se ao interior das personagens.

4. TEMPO – momento em que a ação se desenrola.

Tempo	Cronológico – corresponde à sucessão cronológica dos acontecimentos.
	Histórico – corresponde à época ou momento em que decorre a ação.
	Psicológico – corresponde ao tempo vivido pela personagem, de acordo com o seu estado de espírito.
	Do Discurso – corresponde ao tempo em que a história é escrita.

5. NARRADOR – Entidade fictícia a quem cabe o papel de narrar a história.

Narrador	Presença	Participante	Autodiegético – quando é a personagem principal.	
			Homodiegético – quando é uma personagem secundária.	
	Não-participante	Heterodiegético – quando é exterior à ação.		
	Ciência	Focalização	Omnisciente – tem um conhecimento total da história e das personagens.	
			Interna – adota o ponto de vista de uma personagem.	
			Externa – conhece apenas o exterior da personagem.	
	Posição	Objetivo – quando relata os acontecimentos de forma imparcial.		
Subjetivo – quando emite juízos de valor, deixando transparecer a sua opinião.				

O Barão

Vou contar a minha viagem à serra do Barroso.

Ia fazer uma sindicância à escola primária de V... Foi no Inverno, em Novembro, e tinha chovido muito, o que dera aos montes o ar desolado e triste dessas ocasiões. As pedras lavadas e soltas pelos caminhos, as barreiras desmornadas, algumas árvores com os ramos torcidos e secos. Fui de comboio até à cidade mais próxima, onde depois tomei uma camioneta de carreira que me deixou, já de noite, numa aldeia cujo nome não me lembra. Disseram-me que havia uma hospedaria ao fundo da rua. Era uma velha casa em ruínas. Entrei e fui ter à cozinha, uma divisão comprida e escura, ao fundo da qual estava uma fogueira acesa. Ao pé da fogueira, uma velha sentada. Não me senti à vontade. Estava embaraçado, sem saber o que devia fazer, quando chegou uma senhora a procurar por mim. Era a professora, que, sabendo da minha chegada, vinha esperar-me. Nova mas feia. Contudo simpática e com um olhar de inteligência que a tornava atraente. Sem a menor hesitação resolveu logo o meu problema, como se aquilo fosse habitual. Deu ordem ao criado da taberna para que fosse dizer ao senhor Barão que estava ali uma pessoa vinda de Lisboa, se ele podia emprestar-lhe amanhã de manhã um cavalo para subir a serra. E declarou-me:

— Vai ver como este recado resolve todas as dificuldades, não só de instalação, como de transporte.

Deu-me uma vaga explicação acerca do Barão e começámos a falar de qualquer outra coisa. Sentámo-nos junto da chaminé, aquecidos e iluminados pela fogueira. Falou-se da sindicância e da vida da aldeia. Ela entristeceu. Mas reagiu no mesmo instante. Vi que estava ali uma mulher forte, optimista e infeliz. Compreendi o drama daquela pobre rapariga. Ela tinha razão, sob o seu ponto de vista pessoal tinha razão.

Pensei em não inquirir mais nada e fazer um extenso relatório a justificar e defender a professora que, por manifesta superioridade de interesses intelectuais, era uma pessoa inadapável àquele meio. Entretanto veio um mau café em grandes chávenas de chá, que não consegui beber. Mas ela bebeu-o. E de repente vi que não era tão verdade como eu supunha a inadaptação ao meio. O ser humano é o animal mais adaptável, tenho de concordar... Fomos falando sobre vários assuntos e teria passado meia hora, ou pouco mais, quando ouvimos um automóvel. Ela levantou-se como se ao mesmo tempo aquilo a assustasse e exclamou que era *infalível*. Pouco depois, a pequena porta da cozinha abriu-se e do vão escuro surgiu um homem de enorme estatura, que teve de curvar-se para poder passar. De ombros largos, com um grande chapéu na cabeça e todo embrulhado, até aos pés, num capote preto, disse de longe, parando, em voz baixa:

— Boa noite!

Era uma figura que intimidava. Ainda novo, com pouco mais de quarenta anos, tinha um aspecto brutal, os gestos lentos, como se tudo parasse à sua volta durante o tempo que fosse preciso. O ar de dono de tudo. Avançando para mim, com passos vagarosos, fitava-me friamente. De repente mudou de expressão, como quem deixa cair uma máscara, e a rir perguntou-me donde eu vinha e quem era. «Mas qual seria a máscara?», pensava, enquanto ele, sem ouvir a minha resposta, continuava a rir e a falar. Começou a parecer-me que a primeira impressão não tinha sido justa e que o Barão era, afinal, uma pessoa simpática. Porém, a verdade é que os outros não se sentiam à vontade ao pé dele. Fui reparando nisto. Eu achava-o tosco e primitivo, mas começava a tornar-se-me simpático exactamente por esses aspectos. Disse-me que ficava sendo seu hóspede, e pôs termo às minhas evasivas declarando, num tom de gracejo seco, que não admitia resposta:

— Quem manda aqui sou eu!

Surpreendi-lhe então um olhar duro, logo mudado numa expressão infantil e alegre, que tentei compreender. Devia ter necessidade de convívio e vinha *agarrar-me*, apanhar-me como quem, enfim, encontra alguém num deserto. A sua maior alegria era ter hóspedes em casa. E afirmou-me que tinha de lá estar uma semana e, se quisesse, que mandasse vir amigos e amigas. Respondi-lhe que não podia ficar mais de dois dias, mas ele franziu as sobrancelhas e respondeu-me quase de gracejo:

— Vai-se ver. Quem manda aqui sou eu!

Branquinho da Fonseca, *O Barão*



Escola Secundária c/ 3º Ciclo de Pedro Nunes
Portuguêsº Ano

TEXTO NARRATIVO

Análise e interpretação de um excerto do livro de Branquinho da Fonseca *O Barão*.

1. INTERPRETAÇÃO

- Situa a ação no tempo e no espaço.
- Identifica o objetivo da viagem do narrador.
- Refere a razão por que o narrador, contrariando a sua primeira ideia, conclui que a professora era capaz de se adaptar ao meio.
- Caracteriza física e psicologicamente a personagem Barão. Documenta a tua resposta.
- Classifica o narrador quanto à presença, à ciência e à posição. Justifica a tua resposta, recorrendo a expressões textuais.

2. GRAMÁTICA

“Deu ordem ao criado da taberna para que fosse dizer ao Barão que estava ali uma pessoa vinda de Lisboa, se ele podia emprestar-lhe amanhã de manhã um cavalo para subir a serra.”

- Indica a classe e a subclasse a que pertencem as palavras sublinhadas.
- Escreve a frase no discurso direto.
- Escreve uma frase em que a palavra “criado” tenha outro significado.
- Classifica essas duas palavras, quando à sua relação.

3. EXPRESSÃO ESCRITA

- Naquela terra longínqua e quase esquecida, a falta de comodidade e as carências seriam grandes.

Redige uma composição clara e correta (com cerca de 250 palavras) sobre a tua escola, na qual procures apontar os seus aspetos positivos e as suas carências, dando exemplos práticos

“perfeita correspondência entre o assunto, o estilo e o ponto de vista”

David Mourão Ferreira
(cf. posfácio a *O Barão*, Lisboa, 1969)





O MINOTAURO

Em Creta

Onde o Minotauro reina

Banhei-me no mar

Há uma rápida dança que se dança em frente de um toiro
Na antiquíssima juventude do dia

Nenhuma droga me embriagou me escondeu me protegeu
Só bebi retsina tendo derramado na terra a parte que pertence aos deuses.

De Creta

Enfeitei-me de flores e mastiguei o amargo vivo das ervas
Para inteiramente acordada comungar a terra

De Creta

Beije o chão como Ulisses

Caminhei na luz nua

Devastada era eu própria como a cidade em ruína

Que ninguém reconstruiu

Mas no sol dos meus pátios vazios

A fúria reina intacta

E penetra comigo no interior do mar

Porque pertencço à raça daqueles que mergulham de olhos abertos

E reconhecem o abismo pedra a pedra anémoma a anémoma flor a flor

E o mar de Creta por dentro é todo azul

Oferenda incrível de primordial alegria

Onde o sombrio Minotauro navega

Pinturas ondas colunas e planícies

Em Creta

Inteiramente acordada atravessei o dia

E caminhei no interior dos palácios veementes vermelhos

Palácios sucessivos e roucos

Onde se ergue o respirar de sussurrada treva



Escola Secundária c/ 3º Ciclo de Pedro Nunes
Português 8º Ano

E nos fitam pupilas semi-azuis de penumbra e terror
Imanentes ao dia
Caminhei no palácio dual de combate e confronto
Onde o Príncipe dos Lírios ergue os seus gestos matinais

Nenhuma droga me embriagou me escondeu me protegeu
O Dionysos que dança comigo na vaga não se vende em nenhum mercado negro

Mas cresce como flor daqueles cujo ser
Sem cessar se busca e se perde se desune e se reúne
E esta é a dança do ser

Em Creta
Os muros de tijolo da cidade minoica
São feitos de barro amassado com algas
E quando me virei para trás da minha sombra
Vi que era azul o sol que tocava o meu ombro

Em Creta onde o Minotauro reina atravessei a vaga
De olhos abertos inteiramente acordada
Sem drogas e sem filtro
Só vinho bebido em frente da solenidade das coisas
Porque pertenco à raça daqueles que percorrem o labirinto
Sem Jamais perderem o fio de linho da palavra

O MINOTAURO E A CIVILIZAÇÃO MINÓICA

Pasífae e Dédalo
(1530)
Giulio Romano



SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN
Nasceu no Porto a 6 de Novembro de 1919 / Morreu em Lisboa a 2 de Julho de 2004



- Foi uma das mais importantes poetisas do século XX;
- Foi a primeira mulher a receber o prémio Camões (1999);
- Escreveu poesia, contos e ensaios. Na sua obra destacam-se os livros infantis como: "A menina do Mar", "O rapaz de Bronze", "Cavaleiro da Dinamarca", entre outros;
- Desde 2005, no Oceanário, em Lisboa, que se podem encontrar os seus poemas, nas zonas de lazer, visto que o Mar é um dos temas recorrentes na sua obra;

O MINOTAURO



O MITO



TESEUS



ARIADNE E TESEUS Niccolo Bambini



ARIADNE EM NAXOS (1877) Evelyn Pickering de Morgan



TESEUS E O MINOTAURO (ficção)

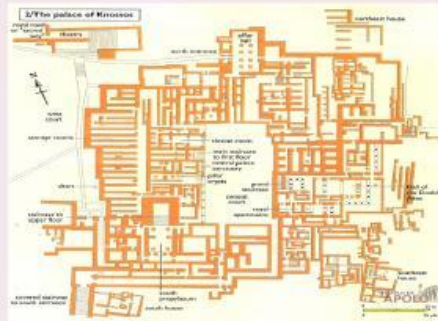
"O MINOTAURO" Filme

"OS IMORTAIS" Filme

"DUELO DE TITÃS" Filme

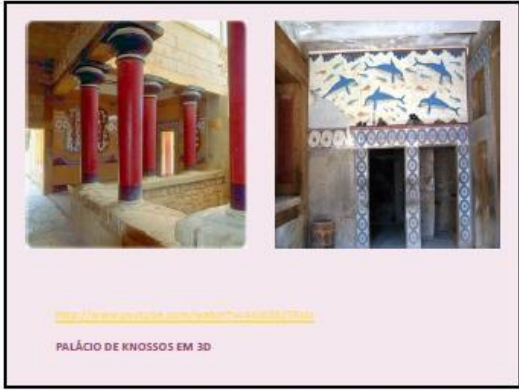
"GOD OF WAR" Jogo de Computador

A REALIDADE



CRETA







Escola Secundária c/ 3º Ciclo de Pedro Nunes
Português 8º Ano

1

LABIRINTO

Perdi-me nos teus braços, alamedas
Onde o tempo caminha e descaminha.
Pus a força que tinha
Na instintiva defesa
De encontrar a saída, a liberdade.
Mas agora Teseu era um poeta,
E Ariane a poesia, o labirinto.
Desajudado,
Só me resta cantar, deixar marcado
O pânico que sinto.

Miguel Torga in *Diário VII*

2

LABIRINTO

Sozinha caminhei no labirinto
Aproximei meu rosto do silêncio e da treva
Para buscar a luz dum dia limpo

Sophia de Mello Breyner Andresen in *Obra Poética II*

3

O POETA TRÁGICO

No princípio era o labirinto
O secreto palácio do terror calado
Ele trouxe para o exterior o medo
Disse-o na lisura dos pátios no quadrado
De sol de nudez e de confronto
Expôs o medo como um toiro debelado

Sophia de Mello Breyner Andresen in *Obra Poética III*

4

O PALÁCIO

Era um dos palácios do Minotauro
— o da minha infância para mim o primeiro —
Tinha sido construído no século passado (e pintado
a vermelho)
Estátuas escadas veludo granito
Tílias o cercavam de música e murmúrio
Paixões e traições o inchavam de grito
Espelhos ante espelhos tudo aprofundavam
Seu pátio era interior era átrio
As suas varandas eram por dentro
Viradas para o centro
Em grandes vazios as vozes ecoavam
Era um dos palácios do Minotauro
O da minha infância — para mim o vermelho

Ali a magia como fogo ardia de Março a Fevereiro
A prata brilhava o vidro luzia

Tudo tilintava tudo estremecia

De noite e de dia
Era um dos palácios do Minotauro
— o da minha infância para mim o primeiro
Ali o túmulo cego confundia
O escuro da noite e o brilho do dia
Ali era a fúria o clamor o não-dito
Ali o confuso onde tudo irrompia
Ali era o Kaos onde tudo nascia.

Sophia de Mello Breyner Andresen in *Obra Poética III*

5

Assim o Minotauro longo tempo latente
De repente salta sobre a nossa vida
Com veemência vital de monstro insaciado.

Sophia de Mello Breyner Andresen in *Obra Poética III*

6

Cada homem é Teseu que guarda em si,
No seu interior, confuso labirinto,
O monstro secreto que tudo devora.
E Ariadne — grácil mulher, espera atenta —
Amorosamente desenrola e assim deslinda
O fio da vida. Luz e guia, o dom é uma senda,
Subtrai, liberta e salva do escuro labirinto.
O vigil fio de Ariadne domina e vence
O Minotauro,
O monstro secreto que em nós sempre demora.

José Ribeiro Ferreira in *A outra face do labirinto*



Teseu e Ariadne, Desenho de Catarina Ferreira

ALGUNS POEMAS ELABORADOS POR ALUNOS DO 8º D

A Lenda do Minotauro

Em Creta eu ouvi
 Uma lenda ancestral
 Esplendoroso, reinava Minos
 Esse reino Colossal
 Uma manhã caíra sobre ele
 Um divino castigo do Mar
 Que o ventre de sua mulher
 O filho Touro iria gerar

Envergonhado, o rei, então
 Da luz da vida o Minotauro privou
 E condenando-o ao esquecimento
 Seu filho num labirinto encarcerou
 Seguiram-se anos e anos...
 Até que um herói apareceu
 Prometia matar Minotauro
 O nobre guerreiro Teseu

Salvador Magrinho

A MENINA

Em Creta havia uma menina
 A única que bebia Retsina
 Era uma rapariga com saúde
 Chamavam-lhe a “rainha da juventude”
 A menina montava o touro
 Não só pelo ouro, mas pela honra
 O labirinto enfrentava
 Com o rapaz que namorava
 No labirinto a luz era fraca
 Fraca e nua
 Como uma noite de lua.

Julieta Ricciardi e Catarina Raposo

No labirinto tudo se perde e tudo se encontra

Facílimo é para nos perdermos sem
 chegar ao fim
 O caminho certo temos de tomar
 Senão com o Minotauro vamos acabar

Com a coragem de Teseu
 E com a ajuda de Ariadne
 Só assim se poderia chegar ao fim
 E conseguir libertar as pessoas do terror

António e Rafael

Labirinto

As afogadas vozes dos inocentes
 Perdidos sem fio, errantes
 Continuam vivamente persistentes
 Nas vozes ocas, atacantes
 Do rei da terra sem caminho
 Terra sem caminho
 Onde os cegos vêm
 Tacteando caminhos vagos
 Menos perdidos a cada esquina
 Guiando-se menos cegos que os que
 vêm
 Seguindo o novelo que se desenrola
 tristemente.

Quando tristemente se entrega o fio a
 alguém
 Que parte para longínquos nenhures
 Deixando fios sem começo
 Em que a única esperança é o fim
 Nas areias finas

Olho para o sol sem fechar os olhos
 Na esperança de ter coragem
 De sobreviver

Leonor Rosas



Escola Secundária c/ 3º Ciclo de Pedro Nunes
Português 8º Ano

TESEUS E O MINOTAURO

O grande feito, aquele que imortalizou definitivamente o herói, foi a terrível batalha que travou contra o Minotauro — um monstro terrível, que tinha tronco e cabeça de touro e o restante do corpo sob a forma humana.

Os atenienses estavam naquela época sob o jugo de Minos. Este rei decidira cobrar um tributo anual aos habitantes de Atenas: numa determinada época do ano, deveriam ser entregues sete rapazes e sete donzelas, para serem lançados vivos no temível labirinto que Minos construira no seu reino pelo inventor Dédalo, pai do infeliz Ícaro das asas de cera. Dentro deste labirinto vivia o Minotauro, um monstro insaciável que se nutria de carne humana.

Quando Teseu soube que as novas vítimas já haviam sido escolhidas e estavam para ser embarcadas para Creta, procurou seu pai, rei dos atenienses, e disse:

— Permita, meu pai, que eu tome o lugar destes infelizes!

O rei, espantado com a coragem do filho, a princípio relutou.

— Não. Como poderia mandar meu próprio filho e sucessor para a morte? Teseu, no entanto, firmou pé na sua decisão:

— Por que recusa a minha oferta, se em vez de catorze vítimas terá de oferecer ao monstro apenas uma?

Os dois discutiram longamente sobre o assunto, mas a teimosia de Teseu acabou por prevalecer sobre a vontade do pai. Assim, no mesmo dia, Teseu embarcou num navio de velas negras.

— Prometo, pai, caso derrote a fera, retornar com as velas brancas - disse o jovem, enquanto o navio ganhava o alto-mar.

Depois de navegar vários dias, a embarcação finalmente atracou nas terras de Minos.

O rei de Tebas, furioso ao perceber que somente lhe haviam mandado uma vítima, exclamou:

— Como ousam desobedecer às minhas ordens? Eu exigi sete moças e sete rapazes e mandam-me apenas um.

Ariadne, a bela filha do rei, assistia a tudo, sem conseguir esconder o seu fascínio que sentia pelo jovem e ousado aventureiro.

— Poderoso Minos, talvez não se lembre de mim, mas eu sou Teseu, filho do rei de Atenas, e venho oferecer a minha vida no lugar da deles — disse o herói. — O senhor dispõe, agora, da vida do filho de um rei. Isto não lhe basta?

Minos acabou por aceitar a troca, enquanto Ariadne se tornava cada vez mais apreensiva.

— Amanhã, será deixado no labirinto — disse o rei, com um sorriso de escárnio. — Veremos se terá a mesma disposição.

Durante a noite, Teseu esteve prisioneiro na torre do palácio de Minos. Estava fortemente vigiado, mas isto não impediu que Ariadne o procurasse.

— Teseu, estou admirada com a sua coragem! — disse a bela jovem. O herói encarou-a com surpresa:

— O que quer aqui?

Olhando para os lados, para verificar se estava a ser observada por algum dos carcereiros, Ariadne abriu uma parte superior do vestido e retirou algo que deu a Teseu.

— O que é isto? — Perguntou ele, tomando o objecto.

— É um novelo de lã, não está a ver? — Disse ela, em voz baixa.

— Mas para que me servirá?

— Amanhã, quando fores lançado ao labirinto, leva-o contigo. À medida que fores entrando no labirinto, solta o fio pelo chão, para marcares o caminho de volta. De outra forma, jamais retornarás.

Ariadne ia a sair quando Teseu lhe agarrou uma das mãos e beijou-a.

Mal o dia amanheceu, Teseu foi conduzido pelos guardas até a entrada do famoso labirinto.

— Eis o Labirinto de Creta, do qual jamais algum humano retornou! — Disse o rei Minos, com orgulho, procurando assustar o jovem.

Uma sólida porta de bronze abriu-se e Teseu foi lançado para lá para dentro.

— O rei dos atenienses não poderá dizer que fui injusto com o seu filho - disse Minos, atirando para dentro do labirinto uma pequena adaga e um escudo. — Fechem a porta! — Ordenou, em seguida, enquanto Ariadne lançava um último olhar ao seu amado.



Escola Secundária c/ 3º Ciclo de Pedro Nunes

Português 8º Ano

Um estrondo anunciou que agora o herói estava inteiramente à mercê do seu adversário, dentro do labirinto. Teseu, procurando familiarizar-se com o local, olhou em redor. Imensas paredes de mármore erguiam-se até onde a vista podia alcançar. Passando os dedos pela parede, descobriu que seria impossível tentar escalá-las: completamente lisas, não possuíam a menor fenda onde pudesse apoiar os pés. Pé ante pé, o jovem começou a avançar, após recolher a sua adaga e o seu pequeno escudo. O chão, recoberto de saibro, fazia um ruído pouco agradável, que poderia denunciá-lo a qualquer momento à fera, que devia estar a aguardá-lo num canto qualquer. Ou, até mesmo, espionando.

"Estou no seu território, preciso de ter muito cuidado!", Pensou Teseu, enquanto dava os primeiros passos.

Nesse instante, lembrou-se do presente que a bela Ariadne lhe dera na noite anterior.

— O novelo! — Exclamou, sem poder conter a satisfação.

Puxou do bolso da túnica o precioso objecto e começou a desfiar o resistente fio, enquanto avançava cautelosamente. Nem tinha ainda transposto a primeira esquina do labirinto, percebeu que tinha à sua frente pelo menos dez outras entradas — que podiam ser também dez saídas.

Todas eram exatamente iguais, embora cada qual apontasse para um único (?). Virando na entrada da direita, o jovem avançou, cada vez mais decidido. "De que me adianta escolher?", Pensou, enquanto ia deixando atrás de si o fio precioso. Ao virar numa das tantas esquinas que já havia ultrapassado, Teseu teve uma desagradável surpresa: algumas manchas vermelhas tingiam as paredes brancas. Uma delas desenhava nitidamente a forma de uma mão humana, que escorria para baixo num borrão indistinto, como se tivesse deslizado os dedos em toda a sua extensão. "Ele matou aqui uma das suas vítimas!", Pensou, tornando-se mais precavido.

Logo ao virar noutra curva viu os pedaços apodrecidos do corpo daquele que deveria ter morrido às mãos do cruel Minotauro. A um canto estava o pedaço de um crânio, ainda coberto por uma pequena cobertura de carne. O sorriso branco da caveira luzia, ainda, por entre os seus restos mortais. Assim, Teseu foi encontrando sinais da fúria da criatura, metade humana e metade fera, que estava à solta por ali, aguardando pela sua próxima refeição. De repente, porém, Teseu sentiu, apesar da espessura das paredes, que alguém chocara involuntariamente contra o outro lado da parede. "O desgraçado está a seguir os meus passos!", Pensou Teseu, empunhando com mais vigor a adaga. Teseu deu a volta e passou por uma entrada lateral. Quando os seus olhos encontraram um novo corredor, e viu ao fundo uma mancha escura desaparecer.

— Ei, covarde, volta aqui e enfrenta-me! — Bradou o herói, perdendo a paciência.

Um ruído hediondo, misto de mugido e de grito, ressoou por todo o labirinto. Teseu, que não se importava com o perigo, saiu no encalço da fera, sem nunca se esquecer de largar o fio. Andou em círculos, até que sentiu uma pressão no novelo, já diminuto. Voltando-se para trás, Teseu puxou um pouco o fio e sentiu-o leve demais. Puxou-o de novo e teve uma desagradável surpresa: "O desgraçado rompeu o meu fio!", Deu-se conta. Voltando sobre os seus passos, vi-o viu o animal e, desta vez, observou-o tempo suficiente para conseguir distinguir o seu corpo meio humano e meio bovino a afastar-se em largas passadas. Subitamente, ocorreu-lhe uma ideia. Desfiando rapidamente o fio restante do seu novelo, fez um laço e lançou-o com tal precisão que este encaixou-se nos cornos da fera. Segurando com força o laço improvisado, Teseu susteve a corrida do Minotauro, que sacudia a cabeça com fúria, tentando livrar-se da armadilha. O Minotauro puxou com tal força que Teseu foi puxado até si, num voo tão violento que o derrubou quase aos pés da fera. Bufando de ódio, o Minotauro aproveitou-se da desvantagem momentânea do adversário e lançou-se com os chifres em riste na sua direção.

Teseu, no entanto, foi mais rápido e desviou-se. De seguida, pulou para as costas do Minotauro e enterrou a sua adaga, com toda a força, entre os olhos do bovino. Um mugido de dor atroou as paredes do labirinto, enquanto os dois caíram. Teseu, sem ter a menor piedade, retirou a adaga de entre os olhos da fera e voltou a enterrá-la, agora no coração do Minotauro, afastando-se, em seguida, num pulo.

Teseu assistiu com prazer à fera a gemer por alguns minutos, até que, erguendo a cabeça do solo, o Minotauro pareceu dar um grande espirro avermelhado e cair novamente ao solo, morto para sempre. Teseu, depois de ter derrotado o Minotauro, retornou à sua terra, levando consigo Ariadne. No entanto, ao parar na ilha de Naxos, ele deixou-a lá, seguindo viagem sozinho. Teseu jamais explicou as razões de tamanha ingratitude. Quando entrou com o seu barco o portão de Atenas, esqueceu-se de içar a vela branca, conforme tinha combinado com o seu pai, em caso de vitória. O pobre rei, vendo nisto um sinal certo da derrota — e conseqüentemente da morte do seu filho, suicidou-se nesse instante, o que roubou ao herói o prazer da vitória. Com a morte do rei, Teseu herdou a coroa e tornou-se o novo rei de Atenas.



Escola Secundária c/ 3º Ciclo de Pedro Nunes
Literatura Portuguesa 11º Ano

3º TESTE SUMATIVO – Janeiro 2013

Contrariedades

1 Eu hoje estou cruel, frenético, exigente;
Nem posso tolerar os livros mais bizarros.
Incrível! Já fumei três maços de cigarros
Consecutivamente.

2 Dói-me a cabeça. Abafo uns desesperos mudos:
Tanta depravação nos usos, nos costumes!
Amo, insensatamente, os ácidos, os gumes
E os ângulos agudos.

3 Sentei-me à secretária. Ali defronte mora
Uma infeliz, sem peito, os dois pulmões doentes;
Sofre de faltas de ar, morreram-lhe os parentes
E engoma para fora.

4 Pobre esqueleto branco entre as nevadas roupas!
Tão lívida! O doutor deixou-a. Mortifica.
Lidando sempre! E deve a conta à botica!
Mal ganha para sopas...

5 O obstáculo estimula, torna-nos perversos;
Agora sinto-me eu cheio de raivas frias,
Por causa dum jornal me rejeitar, há dias,
Um folhetim de versos.

6 Que mau humor! Rasguei uma epopeia morta
No fundo da gaveta. O que produz o estudo?
Mais duma redação, das que elogiam tudo,
Me tem fechado a porta.

7 A crítica segundo o método de Taine¹
Ignoram-na. Juntei numa fogueira imensa
Muitíssimos papéis inéditos. A imprensa
Vale um desdém solene.

8 Com raras exceções merece-me o epigrama².
Deu meia-noite; e em paz pela calçada abaixo,
Soluça um sol-e-dó. Chuvisca. O populacho
Diverte-se na lama.

9 Eu nunca dediquei poemas às fortunas,
Mas sim, por deferência, a amigos ou a artistas.
Independente! Só por isso os jornalistas
Me negam as colunas.

10 Receiam que o assinante ingénuo os abandone,
Se forem publicar tais coisas, tais autores.
Arte? Não lhes convêm, visto que os seus leitores
Deliram por Zaccone³.

11 Um prosador qualquer desfruta fama honrosa,
Obtém dinheiro, arranja a sua *coterie*;
E a mim, não há questão que mais me contrarie
Do que escrever em prosa.

12 A adulação repugna aos sentimentos finos;
Eu raramente falo aos nossos literatos,
E apuro-me em lançar originais e exatos,
Os meus alexandrinos...

13 E a tísica? Fechada, e com o ferro aceso!
Ignora que a asfixia a combustão das brasas,
Não foge do estendal que lhe humedece as casas,
E fina-se ao desprezo!

14 Mantém-se a chá e pão! Antes entrar na cova.
Esvai-se; e todavia, à tarde, fracamente,
Oiço-a cantarolar uma canção plangente
Duma opereta nova!

15 Perfeitamente. Vou findar sem azedume.
Quem sabe se depois, eu rico e noutros climas,
Conseguirei reler essas antigas rimas,
Impressas em volume?

16 Nas letras eu conheço um campo de manobras;
Emprega-se a *réclame*, a intriga, o anúncio, a blague,
E esta poesia pede um editor que pague
Todas as minhas obras

17 E estou melhor; passou-me a cólera. E a vizinha?
A pobre engomadeira ir-se-á deitar sem ceia?
Vejo-lhe luz no quarto. Inda trabalha. É feia...
Que mundo! Coitadinha!



Escola Secundária c/3º Ciclo de Pedro Nunes

Literatura Portuguesa 11º Ano

3º TESTE SUMATIVO – Janeiro 2013

GRUPO I

Responde, de forma cuidada, ao questionário.

1. Refere a(s) temática(s) do poema.
2. Caracteriza as personagens presentes no poema. Documenta a tua resposta.
3. O poeta estabelece uma relação tempestuosa entre a imprensa e o sujeito poético. Comenta esta afirmação, recorrendo a expressões textuais.
4. Há um paralelismo entre a realidade de ambas as personagens. Que passagem do poema ilustra essa ideia?
5. “Pobre esqueleto branco entre as nevadas roupas! / Tão lívida!” (estrofe IV). Relaciona a simbologia das palavras sublinhadas.
6. Identifica, interpretando a sua expressividade, os recursos expressivos presentes nas seguintes expressões:
 - a) “Amo, insensatamente, os ácidos, os gumes/ E os ângulos agudos” (estrofe II)
 - b) “Arte? Não lhes convém, visto que os seus leitores/ Deliram por Zaccone” (estrofe X)



GRUPO II

Elabora um texto bem estruturado, de cento e cinquenta a duzentas palavras, relacionando os conceitos de *Ekphrasis*, *Intertextualidade* e *Mimésis (Imitatio)*, com o texto seguinte.

“Vendo-me num beco sem saída, compreendi que era tempo de procurar uma nova senda ventilada e luminosa, que era necessário abrir para a paisagem, remoçada pelo vigor das novas colheitas, as janelas do Parnaso português, até então hermeticamente fechadas, e varrer dessas janelas as teias de aranha que comprometiam a limpidez dos seus vidros. (...)”

CASTRO, E. de. Autobiografia. In: *Antologia*. Lisboa, IN/CM, 1987.

AVDACES FORTVNA IUVA

(A sorte protege os audazes)

Prática de Ensino Supervisionada
Susana Marta Pereira

¹ O Método de Taine consistia em fazer história e compreender o homem à luz de três factores determinantes: meio ambiente, raça e momento histórico. Estas teorias foram aplicadas ao movimento artístico realista.

² O Epigrama foi criado na Grécia Clássica. Era uma inscrição que se punha sobre um objecto, uma estátua ou uma tumba.

³ Pierre Zaccone (1817-1895) foi um escritor romântico francês, um romancista popular, autor de novelas, romances e folhetins histórico-dramáticos.

IMAGEM- Pablo Picasso “Engomadeira” (1904)



Escola Secundária c/3º Ciclo de Pedro Nunes
Literatura Portuguesa 11º Ano

4º TESTE SUMATIVO – Março 2013

Lê atentamente o seguinte poema:

Ela canta, pobre ceifeira¹

Ela canta, pobre ceifeira,
Julgando-se feliz talvez;
Canta, e ceifa, e a sua voz, cheia
De alegre e anónima viuvez,

Ondula como um canto de ave
No ar limpo como um limiar,
E há curvas no enredo suave
Do som que ela tem a cantar.

Ouvi-la alegre e entristece,
Na sua voz há o campo e a lida,
E canta como se tivesse
Mais razões para cantar que a vida.

Ah, canta, canta sem razão!
O que em mim sente está pensando.
Derrama no meu coração
A tua incerta voz ondeando!

Ah, poder ser tu, sendo eu!
Ter a tua alegre inconsciência,
E a consciência disso! Ó céu!
Ó campo! Ó canção! A ciência

Pesa tanto e a vida é tão breve!
Entraí por mim dentro! Tornai
Minha alma a vossa sombra leve!
Depois, levando-me, passai!



Poesias. Fernando Pessoa. (Nota explicativa de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor.
Lisboa: Ática, 1942 (15ª ed. 1995). Pág. 108.

¹ "Colheita do trigo mourisco, no Verão" (1868) de **Jean-François Millet** (4 de Outubro de 1814 – 20 de Janeiro de 1875) Pintor romântico e um dos fundadores da Escola de Barbizon na França rural. É conhecido como precursor do realismo, pelas suas representações de trabalhadores rurais.



Escola Secundária c/ 3º Ciclo de Pedro Nunes

Literatura Portuguesa 11º Ano

4º TESTE SUMATIVO – Março 2013

GRUPO I

Responde, de forma cuidada, ao questionário.

1. Refere a(s) temática(s) do poema.
2. O poema pode ser dividido em duas partes lógicas. Comenta esta afirmação.
3. Expõe, justificando, os motivos por que o sujeito poético afirma “*Na sua voz há o campo e a lida*”.
4. Está latente, no poema, a “*dor de pensar*”. Desenvolve, recorrendo a expressões do texto, esta ideia.
5. Comente o verso “*A ciência/Pesa tanto e a vida é tão breve!*”.
6. Identifica, interpretando a sua expressividade, os recursos expressivos presentes nas seguintes expressões:
 - a) “*(...) a sua voz (...) / Ondula como um canto de avé*”
 - b) “*Ah, poder ser tu, sendo eu!*”
 - c) “*(...) voz , cheia / De alegre e anónima viuvez*”

GRUPO II

Elabora um texto bem estruturado, de cento e cinquenta a duzentas palavras, relacionando o texto seguinte com o caso de Heteronímia, em Fernando Pessoa.

Cumpre-me agora dizer que espécie de homem sou. Não importa o meu nome, nem quaisquer outros pormenores externos que me digam respeito. (...) Toda a constituição do meu espírito é de hesitação e dúvida. (...) todas as coisas oscilam em torno de mim, e eu com elas, incerto para mim próprio. (...) por tudo isto o meu carácter é do género interior, autocêntrico, mudo, não auto-suficiente mas perdido em si próprio. Toda a minha vida tem sido de passividade e sonho.

Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação, Fernando Pessoa.
(Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho.) Lisboa: Ática, 1966. Pág. 17.

AVDACES FORTVNA IUVAT
(A sorte protege os audazes)



Lê atentamente o seguinte poema:

Uns, com os olhos postos no passado,
Vêm o que não vêem; outros, fitos
Os mesmos olhos no futuro, vêem
O que não pode ver-se.

Porque tão longe ir pôr o que está perto —
A segurança nossa? Este é o dia,
Esta é a hora, este o momento, isto
É quem somos, e é tudo.

Perene flui a interminável hora
Que nos confessa nulos. No mesmo hausto
Em que vivemos, morreremos. Colhe
O dia, porque és ele.



28-8-1933

Odes de Ricardo Reis. Fernando Pessoa. (Notas de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor.)
Lisboa: Ática, 1946 (imp.1994). pág. 154.

GRUPO I

Responde, de forma cuidada, ao questionário.

1. Refere a(s) temática(s) do poema.
2. O sujeito poético marca a sua singularidade e a sua diferença perante o mundo. Comenta esta afirmação, recorrendo a expressões textuais.
3. A partir dos versos “*Porque tão longe ir pôr o que está perto/A segurança nossa? Este é o dia*” explica a importância do tema do tempo, no poema.
4. Expõe, fundamentando, a filosofia de vida presente no poema.
5. Regista, na folha de teste, a veracidade (V) ou a falsidade (F) das seguintes afirmações:
 - a) A afirmação que se segue é contrária à filosofia e ao pensamento de Ricardo Reis: “Quão breve tempo é a mais longa vida/E a juventude nela!”



- b) De acordo com a filosofia de Ricardo Reis, devemos procurar a ilusão da calma, da liberdade e da felicidade.
 - c) O Estoicismo assenta numa escola filosófica fundada por Zenão de Chipre (filósofo grego, 335-264 a.C), que preconiza a indiferença à dor e a firmeza de ânimo, para opor aos males e agruras da vida.
 - d) Segundo Ricardo Reis a vida não deve ser serena, deve ser vivida com paixão.
 - e) Para Ricardo Reis a vida é fugaz, daí ser inútil qualquer compromisso e a serenidade deve ser procurada para que a morte não cause perturbação.
6. Identifica, interpretando a sua expressividade, os recursos expressivos presentes nas seguintes expressões:
- a) “Vêem o que não vêem.” (2º verso da 1ª quadra)
 - b) “Este é o dia/Esta é a hora, este o momento.” (2º e 3º verso da 2ª quadra)
 - c) “Em que vivemos, morremos.” (3º verso da 3ª quadra)

GRUPO II

Elabora um texto bem estruturado, de cento e cinquenta a duzentas palavras, relacionando o excerto seguinte com a poética de Álvaro de Campos.

“Não, disse Campos aproximando-se da cama, também amei a vida, e se as minhas odes futuristas e furibundas foram blague, se nas minhas poesias niilistas destruí tudo, até eu mesmo, fica a saber que também eu amei na minha vida, com uma dor consciente. (...) Sabes, Fernando, tenho saudades de quando era um poeta decadente, da época em que fiz aquela viagem de pacote nos mares do Oriente, sim, então teria sido capaz de escrever versos à lua, garanto-te, à noite, no convés, quando havia baile a bordo, a lua era tão teatral, era de tal modo minha. Mas nesse tempo eu era estúpido, fazia ironia com a vida, não sabia aproveitar a vida que me era dada, e foi assim que perdi a oportunidade e a vida me escapou.

E depois?, perguntou Pessoa.

Depois, comecei a querer decifrar a realidade, como se a realidade fosse decifrável, e veio o desencorajamento. E com o desencorajamento, o niilismo. Em seguida, já não acreditei em nada, nem mesmo em mim. E hoje aqui estou à tua cabeceira, como um farrapo inútil, fiz as malas para lado nenhum, e o meu coração é um balde despejado.

Campos dirigiu-se para a mesa de cabeceira e apagou o morrão do cigarro num pratinho de loiça.”



Escola Secundária c/ 3º Ciclo de Pedro Nunes
Literatura Portuguesa 11º Ano

6º TESTE SUMATIVO – Maio 2013

GRUPO I

[...] E eis que chega a tua hora, Cristina. Terias tu já dito alguma coisa? Não me lembro. E que dissesses? O que tens a dizer, as palavras não o sabem. Nem o lugar. Nem a hora. Tu não és de parte alguma, de tempo algum, Cristina. Súbita aparição, foste surpresa em tudo para todos. Sim, eu sei. Já o sabia quando te conheci... Cristina viera «fora de tempo». Ninguém a esperava já. O pai errara as «contas» da fisiologia, havia a lei moral - e ela nascera. Os amigos de Moura, risonhamente, quando se referiam à filha, perguntavam-lhe pela «neta»... E ele sorria, inocente, porque a verdade da vida era mais forte do que ele, simples instrumento ou espectador...

- Cristina - disse Moura -, tu agora vais tocar um bocadinho para o senhor doutor. A miúda fitou-me com os seus olhos azuis, sorriu imperceptivelmente e sentou-se ao piano. Ajeitou a saia à roda do banco e, de mãos imóveis no teclado, apesar do nosso silêncio, esperou ainda pela nossa atenção ou pela sua.

E então eu vi, eu vi abrir-se à nossa frente o dom da revelação. Que eram, pois, todas as nossas conversas, a nossa alegria de taças e cigarros, diante daquela evidência? Tudo o que era verdadeiro e inextinguível, tudo quanto se realizava em grandeza e plenitude, tudo quanto era pureza e interrogação, perfeito e sem excesso, começava e acabava ali, entre as mãos indefesas de uma criança. Mas tão forte era o peso disso tudo, tão necessário que nada disso se perdesse, que as mãos de Cristina se torciam na distância das teclas, as pernas na distância dos pedais e toda a sua face gentil, até agora impessoal e só de infância, se gravava de arrepio à passagem do mistério. Toca, Cristina. Eu ouço. Bach, Beethoven, Mozart, Chopin. Estou de lado, ao pé de ti, sigo-te no rosto a minha própria emoção. Apertas ligeiramente a boca, pões uma rugazinha na testa, estremece brevemente a cabeleira loura com o teu laço vermelho. E de ver assim presente a uma inocência o mundo do prodígio e da grandeza, de ver que uma criança era bastante para erguer o mundo nas mãos e que alguma coisa, no entanto, a transcendia, abusava dela como de uma vítima, angustiava-me quase até às lágrimas. Toca uma vez ainda, Cristina. Agora, só para mim. Eu te escuto, aqui, entre os brados deste vento de Inverno. Chopin, Nocturno n.º 20. Ouço, ouço. As palmeiras balançam no teu jardim, a noite veste-se de estrelas, adormece na planície. Donde este lamento, esta súplica? Amargura de sempre, Cristina, tu sabe-la. Biliões e biliões de homens pelo espaço dos milénios e tu só, presente, a memória disso tudo e a dizê-la...

Vergílio Ferreira in *“Aparição”*

Responde, de forma cuidada, ao questionário.

1. Enquadra o excerto na estrutura interna da obra.
2. Traça o retrato de Cristina, apresentado do ponto de vista do narrador.
3. Refere o papel da música no contexto da obra *“Aparição”*.



Escola Secundária c/3º Ciclo de Pedro Nunes
Literatura Portuguesa 11º Ano

6º TESTE SUMATIVO – Maio 2013

4. Analisa as quatro últimas frases do extracto, salientando a expressividade estilística e o valor evocativo do eu/tu.

GRUPO II

As personagens de *O Render dos Heróis* representam as facções antagonistas nos confrontos revolucionários tratados na peça. O grupo do poder é representado por personagens metafóricas que simbolizam a força, a repressão e o autoritarismo do regime vigente. No grupo da contestação ao Poder, temos a guerrilha, com os guerrilheiros anónimos, comandados pelo Académico e pelo Bacharel Alexandre, o Padre Casimiro, padre-soldado, as três personagens femininas que encarnam a Maria da Fonte (Maria Henriques, Maria Ricarda e Maria Angelina), o cego, as duas comadres, e outras personagens populares de menor relevo.

1. Caracteriza uma das personagens, do grupo de contestação ao Poder.

GRUPO III

"O que nos ajuda mais a conservar e manter a nossa força é o facto de sermos amados; e o que se lhe opõe mais é o facto de termos medo. O medo é mau guarda da nossa longevidade; a benevolência, pelo contrário, é fiel e dura até à eternidade." Marcus Cícero

Elabora um texto bem estruturado, de cem a cento e cinquenta palavras, sobre o papel do "medo", nas nossas vidas.

AVDACES FORTVNA IUVA
(A sorte protege os audazes)





Escola Secundária c/3º Ciclo de Pedro Nunes

LÍNGUA E CULTURA LATINA

Curso Livre

ANEXO 33

PROGRAMA ANUAL

EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA

EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA				
ATITUDES E VALORES			COMPETÊNCIA LINGUÍSTICA	
			Latim	Português
Contexto Histórico e Cultural	Mitos e lendas	Temáticas	Gramática	Português
Roma: ✓ Vida quotidiana ✓ Religião ✓ Educação ✓ Estrutura social O Império Romano: ✓ Províncias ✓ A Romanização da Hispânia Pompeios: ✓ Vida quotidiana ✓ Actividades lúdicas ✓ Vesúvio e a tragédia	Fundação de Roma: ✓ Rómulo e Remo Deuses Romanos ✓ Principais Deuses e seus atributos ✓ A influência da Religião Grega Heróis: ✓ Hércules ✓ Os trabalhos de Hércules A <i>Eneida</i> : ✓ Eneias	✓ A família ✓ A habitação ✓ As refeições ✓ As profissões ✓ O fórum ✓ A escravatura ✓ Os tempos livres (<i>otium</i>): espectáculos (<i>ludi scaenici</i> e <i>ludi circenses</i> ; as temas ✓ A educação ✓ Principais valores romanos: <i>Fides</i> , <i>Pietas</i> , etc. ✓ Vestígios da romanização em território nacional	Léxico ✓ Estrutura da palavra ✓ Noção de étimo Morfologia: ✓ Noção de caso ✓ Noção de género ✓ Noção de número Nominativo/Acusativo/ Dativo no singular e no plural: ✓ 1ª Declinação ✓ 2ª Declinação ✓ 3ª Declinação Verbos da 1ª, 2ª, 3ª e 4ª conjugações e verbo <i>esse</i> ; ✓ Presente ✓ Pretérito Imperfeito ✓ Pretérito Perfeito Sintaxe ✓ Estrutura da frase ✓ A frase simples ✓ A frase complexa (orações coordenadas e subordinadas)	✓ Alargamento do vocabulário ✓ Reconhecimento das matrizes etimológicas do Português ✓ Noção de prefixo, sufixo e étimo e família de palavras ✓ Evolução da língua (via erudita e via popular) ✓ Produção de enunciados coerentes e coesos, através da tradução do Latim para o Português ✓ Estabelecer conexões com a língua materna ✓ Noção de coerência e coesão textuais

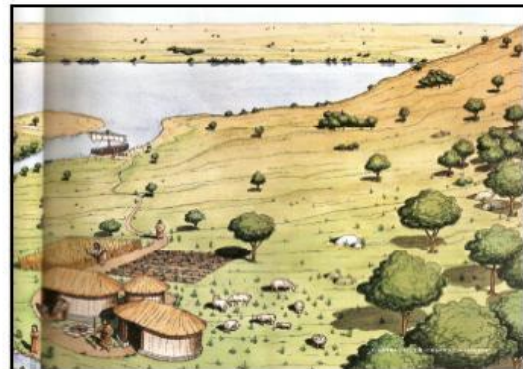
O IMPÉRIO ROMANO



A HISPÂNIA



A LUSITÂNIA



UMA CASA DE FAMÍLIA

Cada unidade doméstica pertencia a um grupo familiar: avós, filhos e netos. Organizados em torno de um pátio, cada espaço tinha a sua função.

COZINHA
Com fogueiras e fornos

ESTÁBULO
Zona para guardar os animais

DESPENSA
Armazenamento de grãos.

QUARTOS
Zonas de dormida

'SALAS'
Espaços de reunião



Viriato († - 139 a.C.)

Foi um dos líderes de **tribo lusitana** que confrontou os **romanos na Península Ibérica**.

"Enquanto ele comandava, foi mais amado do que alguma vez alguém foi antes dele."

Diodoro de Sicília (historiador Grego)



AS GUERRAS DE VIRIATO

Nesta época assistiam-se os primeiros povos que habitavam na Península Ibérica sob a direção dos Romanos e, a par disso, a área já criada pelos lusitanos e dela das primeiras campanhas entre estes e os Lusitanos. De modo que, ao contrário do que normalmente se págo, a guerra foi travada fora do atual território de Portugal.



A MORTE DE VIRIATO

José Medrezo y Agudo
Santander 1781 — Madrid 1833

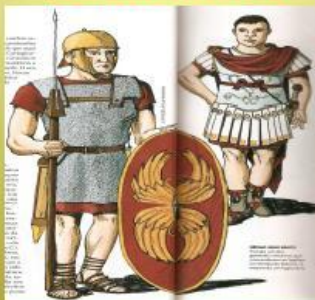


Este que vês, pastor já foi de gado
Viriato sabemos que se chama
Destro na lança mais que no cajado
Injuriada tem de Roma a fama,
Vencedor invencível, afamado
Não tem co'ele, nem ter puderam
O primor que com Pirro já tiveram.

Os Lusíadas, VIII, 6

<http://www.youtube.com/watch?v=0RUSjU8MUE0>
A MORTE DE VIRIATO

OS ROMANOS





Escola Secundária c/3º Ciclo de Pedro Nunes

Departamento Português/Latim

INQUÉRITO

Este questionário é confidencial e será usado apenas para fins estatísticos. Os dados, depois de analisados, constarão do relatório de mestrado da mestranda Susana Marta Pereira. Obrigada pela sua colaboração.

Preencha este inquérito de acordo com os dados que lhe forem solicitados.

DADOS PESSOAIS		
Nome completo:		Nº
Data de Nascimento:	Naturalidade:	
Profissão do pai:	Habilitações:	Idade:
Profissão da mãe:	Habilitações	Idade:
Nacionalidade do pai:	Nacionalidade da mãe:	
Encarregado(a) de Educação:	Profissão:	
Habilitações:	Nacionalidade:	Idade:
Membros do agregado familiar:		
Freguesia da residência:		
Nº de irmãos:	Idade(s):	

DADOS ESCOLARES

Escola frequentada no 3º Ciclo:

Esta escola _____

Outra _____ Qual? _____

Meio(s) de transporte utilizado(s) casa-escola: _____

Tempo do percurso: _____

Disciplinas preferidas:

Porquê? (Assinale com uma cruz a(s) opção(ões) pretendida(s))

Porque gosto do professor.	<input type="checkbox"/>
Porque considero a disciplina importante para o meu futuro.	<input type="checkbox"/>
Porque tenho boas notas e/ou tenho facilidade na aprendizagem das matérias.	<input type="checkbox"/>
Porque gosto da matéria.	<input type="checkbox"/>

Disciplinas de que menos gosta:

Porquê? (Coloque uma cruz na(s) opção(ões) pretendida(s))

Porque não gosto do professor.	<input type="checkbox"/>
Porque não considero a disciplina importante para o meu futuro.	<input type="checkbox"/>
Porque não tenho boas notas e/ou tenho não facilidade na aprendizagem das matérias.	<input type="checkbox"/>
Porque não gosto da matéria.	<input type="checkbox"/>

Em média, quantas horas semanais dedica ao estudo? _____

Local de estudo: _____

Estuda sozinho(a)? Sim _____

Não _____ Com quem estuda? _____

Sabia que o Latim era uma opção curricular, no 10º e/ou 11º anos? Sim ___ Não ___

Por que razão não escolheu o Latim como opção curricular?

Acha que o Latim e a Cultura Latina deveriam ser ensinados nas escolas? Porquê?

O que conhece sobre a língua e cultura latinas?

Alguma vez algum professor o aconselhou a estudar Latim? Se sim, que disciplina leccionava esse professor?

Que razões o levariam a escolher Latim como opção curricular? (Coloque uma cruz nas opções pretendidas.) No máximo, deve assinalar duas opções. (Só podem assinalar duas?)

Ter frequentado um curso de "Língua e Cultura Latinas" no 3º Ciclo.	<input type="checkbox"/>
Se fosse aconselhado por um professor.	<input type="checkbox"/>
Se houvesse mais divulgação na escola.	<input type="checkbox"/>
Se algum familiar mo sugerisse.	<input type="checkbox"/>
Se, nas aulas de Língua Portuguesa e Português, fosse demonstrada a sua utilidade e importância na aprendizagem da Língua Portuguesa.	<input type="checkbox"/>
Se fosse uma disciplina específica obrigatória para entrar no curso superior que pretendesse frequentar.	<input type="checkbox"/>
Se houvesse mais divulgação na televisão e na internet.	<input type="checkbox"/>

Se fosse aconselhado por um colega.	
Outras: Quais?	

Escola frequentada no 3º Ciclo:

Esta escola _____

Outra _____ Qual? _____

Acha que a escola que frequenta incentiva os alunos a escolher latim como opção curricular?

Sim: _____ Não: _____

Porquê? _____

Já alguma vez ouviu algumas das expressões abaixo indicadas? Sim: _____ Não: _____

Se sim, indique quais. *(Coloque uma cruz nas opções pretendidas. No máximo, deve assinalar duas opções.)*

É uma língua morta.	
Não tem utilidade nenhuma.	
Não há professor na escola.	
É muito difícil.	
Ninguém fala latim.	
Futuramente, não vai servir para nada.	
Não há oferta curricular, na escola.	
Outras: Quais?	

Se as ouviu, quem as proferiu?

Alguma vez alguém o aconselhou a estudar Latim?

Sim: _____ Não: _____

Se sim, quem o aconselhou? (Assinale com uma cruz)

Familiar	Pai e/ou Mãe	Professor	Colega	Amigo	Outro: Qual?

Quais as razões que lhe indicou?

Pode deixar algumas sugestões, que considere pertinentes, para levar os alunos a escolher o latim, como opção curricular, no ensino secundário.

Obrigada pela sua colaboração 😊



Escola Secundária c/3º Ciclo de Pedro Nunes
Departamento de Português/Latim
Prática de Ensino Supervisionada

A COMUNIDADE NA ESCOLA

Ciclo de Jovens Escritores

Dia 9 de Outubro, terça-feira às 10 Horas

BIBLIOTECA

A Escrita, a Literatura e a Sociedade.
O papel do escritor - hoje.

PAULO CUNHA



DIOGO GODINHO



Paulo Cunha
Licenciado em Ciência Política e Relações Internacionais na FCSH da Universidade Nova de Lisboa e mestrando na FCSH da Universidade Nova de Lisboa em Estudos Públicos de Área com trabalho de tese: A Política Externa Russa e a Impopularidade do Cáucaso, o caso de estudo a Geórgia. Nascera na provincia angolana de Cabinda em Setembro de 1973. Foi em Março de 1994 que, em São Paulo de Alagoa, na orçoxilha de Bezençora, teve início o seu trajecto. É autor de outros trabalhos, encadernados na secretaria, uns por falta de oportunidade, alguns por falta de coragem. Tem já editado desde 2008 uma colecção de pequenos contos com o título "Lagos de Tempo" na editora Paguro e em 2010 uma critica social com o título "Zanaco Sobre a Praça" na editora Lugar de Palmar. Escrever anualmente uma critica de opiniao no jornal regional "Nova Esperança" sobre o passado historico de Penafiel. Tem um blog com o título "Lagos de Tempo" onde apresenta trabalhos de inspiração critica e foto de sua autoria, um dos seus hobbies. Para si, a escrita é muito mais do que um simples gosto de ordenar ideias. É um campo submerso e explorado pelo autor com o intuito de melhor compreender a dimensão humana, encadernada na sociedade, que procura entender e explicar.

Diogo Godinho
Nascido a 23 de Fevereiro de 1990. Na sua infancia começou a escrever os seus primeiros poemas sob a forma de quadras. Praticou algumas actividades artisticas como teatro, musica e canto que o influenciaram na composicao dos seus escritos. Foi na adolescencia que começou a escrever com regularidade, compondo contos e breves relatos. Em Janeiro de 2010 lançou o seu primeiro livro *Epilogo Negro* e em Novembro do mesmo ano lançou a sua segunda obra *Opus Sobre Niz*. Em Dezembro de 2011 lançou a sua terceira obra *Zinção Terminal*. No presente ano de 2012 participou nas metodologias da *Prática de Ensino*. *Diogo não só sabe e se regozija da noite*. Actualmente é estudante de Linguas, Literaturas e Culturas na Universidade Nova de Lisboa e é membro da Associação das Artes e das Letras Galego-Portuguesas.

ANEXO 36



Escola Secundária c/3º Ciclo de Pedro Nunes
Departamento de Português/Latim
Prática de Ensino Supervisionada

A COMUNIDADE NA ESCOLA

No âmbito das comemorações do 150.º aniversário da publicação de *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco.

Dia 15 de Novembro, quinta-feira às 12 Horas

BIBLIOTECA

ANNABELA RITA

GAMSO
Ironia e Desconstrução



Doutorada em Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea pela Universidade de Lisboa, em cuja Faculdade de Letras é professora. Integrou a MRPB - Missão para o Relatório sobre o Processo de Bolonha (2003-04) e, atualmente, é Conselheira para a Igualdade de Oportunidades do MCTES. Directora do Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa das Universidades de Lisboa, investigadora do Centro de Literatura e Cultura Portuguesa e Brasileira (Universidade Católica Portuguesa) da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, coordenadora de um projeto do Centro de Estudos de Culturas Lusófonas da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, membro da Direcção da Associação Portuguesa de Tradutores, do P.E.N. Clube Português, da Associação Portuguesa de Críticos Literários, etc., além de integrar os Conselhos Consultivos da Fundação Marquês de Pombal e do Instituto de Cultura Europeia e Atlântica, tem colaboração enaística dispersa em periódicos e obras coletivas da especialidade em Portugal e no estrangeiro. As suas principais publicações: *Eça de Queiroz Cronista. Do "Ditirito de Évora" (1867) às "Farpas" (1871-72)*, Lisboa, Cosmos, 1998; *No Fundo dos Espelhos. Incurões na Cena Literária* (vol. I), Porto, Edições Caixottim, 2003; *Labirinto Sensível* (em coautoria com Caimiro de Brito), Lisboa, Roma Editora, 2003; *Breves & Longas no País das Maravilhas*, Lisboa, Roma Editora, 2004; *O Mito do Marquês de Pombal* (em coautoria com José Eduardo Franco), Lisboa, Prefácio, 2004; *Ensaios em Estética*, Lisboa, Roma Editora, 2005 (a sair); *No Fundo dos Espelhos. Em Vista*, Porto, Edições Caixottim, 2005 (a sair). Tem a direcção de três colecções literárias: "Obras de Almeida Garrett" (Edições Caixottim), "Faces de Vénus" e "Faces de Penélope" (Roma Editora).



Escola Secundária c/3º Ciclo de Pedro Nunes
Departamento de Português/Latim
Prática de Ensino Supervisionada

A COMUNIDADE NA ESCOLA

Dia 04 de dezembro, terça-feira às 10 Horas

BIBLIOTECA



MARIA DO CÉU CAETANO

Estudar Gramática. Porquê?

A relação entre gramática e léxico.

Maria do Céu Caetano é professora auxiliar no Departamento de Linguística da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, onde se doutorou em 2003, em Linguística, área de especialização em Morfologia, com a tese "A Formação de Palavras em Gramáticas Históricas do Português. Análise de algumas correlações sufixais" (<http://www.ciuln.edu.pt/resources/docs/grupos/gramatica/equipa/ceucaetano/caetanotesedout.pdf>). É também investigadora do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa, sendo atualmente responsável pela base de dados BILP - Bibliografia de Linguística Portuguesa (<http://ciuln.fch.unl.pt/bilp/>), no âmbito do grupo Gramática & Texto, e pela elaboração do Dicionário de Afijos do Português (*subprojecto Programado*). Tem publicado diversos trabalhos na área em que se doutorou, em particular sobre questões relacionadas com a produtividade, a composicionalidade e a lexicalização, entre outros tópicos.



Escola Secundária c/3º Ciclo de Pedro Nunes
Departamento de Português/Latim
Prática de Ensino Supervisionada

A COMUNIDADE NA ESCOLA

CICLO DE PALESTRAS

Dia 10 de Janeiro, quinta-feira às 12 Horas

BIBLIOTECA

GABRIELA CANAVILHAS

A Escola e a Cultura O papel da escola na divulgação cultural

Antiga ministra da Cultura do XVIII Governo Constitucional de Portugal, foi diretora artística do Festival MusicAtlântico (1999-2009) nos Açores, presidente da Associação de Música, Educação e Cultura (2003-2006), responsável pela Orquestra Metropolitana de Lisboa, a Academia Nacional Superior de Orquestra e o Conservatório Metropolitano de Música de Lisboa, diretora regional da Cultura do Governo Regional dos Açores (2008-2009) e membro do Conselho Diretivo da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (2007-2009). É professora do Quadro da Escola de Música do Conservatório Nacional, desde 1986, e lecionou também na Academia dos Amadores de Música (1982-1986) e no Conservatório Regional de Castelo Branco (1979-1981). Tem sete álbuns gravados, tendo assinado as primeiras interpretações gravadas de obras de compositores como João Domingos Bomtempo ou Alfredo Keil, apresentando ao vivo primeiras audições de obras de compositores contemporâneos, como Eurico Carrapatoso, António Victorino de Almeida, Sérgio Azevedo ou Clotilde Rosa, e participando em inúmeros recitais dedicados à música erudita portuguesa, como Yvanna da Motta, Alfredo Keil, Fernando Lopes-Graça, Frederico de Freitas, Luís de Freitas Branco ou Augusto Machado. Gabriela Canavilhas possui o Curso Superior de Piano do Escola de Música do Conservatório Nacional, e é licenciada em Ciências Musicais, pela Universidade Nova de Lisboa.





Escola Secundária c/3º Ciclo de Pedro Nunes
Departamento de Português/Latim
Prática de Ensino Supervisionada

A COMUNIDADE NA ESCOLA CICLO DE PALESTRAS

Dia 07 de Fevereiro, quinta-feira às 12 Horas
BIBLIOTECA

MANUEL RODRIGUES

As Humanidades e o Latim, hoje!

Professor Jubilado da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, onde leccionava Cultura Clássica Grega e Latina, Latim e Didáctica das Línguas Clássicas.



Entre as principais publicações são de destacar:

Livros Geóffros de Vinsauf, *Poetria Nova*, introdução, texto, tradução e notas de Manuel Rodrigues (1990).
Omar Jay, *Iniciação à língua e à cultura latina*. Lisboa, Colibri, 1994.
Almeida Garrett, *Um Auto de Gil Póntes*, introdução, fixação do texto e notas de Manuel Rodrigues, Lisboa, Editora Replique, 1996.

Artigos «A Mensagem de Fernando Pessoa I» in *ESPAÇO FETO*, suplemento literário do Jornal de Almeida, n.º 192, 3 de Fev. de 1984.
«A Mensagem de Fernando Pessoa II: o messianismo político» in *ESPAÇO FETO*, suplemento literário do Jornal de Almeida, n.º 158, 2 de Março de 1984.
«Pessoa e o provincialismo português» in *ESPAÇO FETO*, suplemento literário do Jornal de Almeida, n.º 192, 1 de Nov. de 1985.
«A glossodidáctica das línguas clássicas – uma área de investigação em aberto» in *EPHROSINE*, Nova Série, XIV, Departamento de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Lisboa, 1986, pp. 190-213.
«Didáctica do Latim e Formação de professores», in *Colóquio sobre o ensino do Latim*. Actas, Lisboa, ICAIP, 1987, pp. 211-219.
«Profissionalização em Exercício e rejuvenescimento do ensino do Latim» in *CLASSICA*, n.º 14, Lisboa, 1987, pp. 66-76.
«Fernando Pessoa 50 anos depois: um escritor inegociável»;
«A Mensagem de Fernando Pessoa»;
«O poeta em Itália» (entrevista a Ettore Finazzi-Agrò) in *Tempo* (Suplemento de Fim de Semana), n.º 552, 29 Nov. 1989.
«O episódio de Dido na Eneida: análise estrutural» in *CLASSICA*, 2, Departamento de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras
«A leitura no processo de ensino/aprendizagem das línguas clássicas» in *CLASSICA*, n.º 18, 1992, pp. 223-231.
«O Poeta Vasco: Mosaico de Questões e a Questão Filipina» [2006] in *Enunciado*, Departamento de Estudos Portugueses, <http://www.fesh.unl.pt/deps/estportugueses/>.
Traduções *A Cafazina*, de Miguel Born (1644), [2006] in *Trabalhos*, Departamento de Estudos Portugueses, <http://www.fesh.unl.pt/deps/estportugueses/>.



Escola Secundária c/3º Ciclo de Pedro Nunes
Departamento de Português/Latim
Prática de Ensino Supervisionada

A COMUNIDADE NA ESCOLA CICLO DE PALESTRAS

Dia 20 de fevereiro, quarta-feira às 10 Horas
BIBLIOTECA

RUI ZINK

A POESIA E O PROCESSO CRIATIVO

Professor na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, onde se licenciou em Estudos Portugueses e obteve os graus de mestre em Cultura e Literatura Popular (1989) e de doutor em Literatura Portuguesa (1997). Foi Leitor de Língua Portuguesa na Universidade de (1989-1990) e Professor Convidado na Universidade de Massachusetts Dartmouth (2009-2010).



Autor de vários livros, entre ensaios e ficção, salienta-se os romances *Hotel Lusitano* (1987), *Apocalipse Novo* (1996), *O Suplente* (1999) e *Os Surfistas* (2001), e os livros de contos *A Realidade Agora a Cores* (1988) e *Homens-Aranhas* (1994), *O Antaleitor* (2006) e o seu último livro *A Instalação do Medo* (2012).

Colaborou em jornais e revistas, de que se salienta o semanário *O Independente* (1991) e a revista *K* (1992). Fez tradução literária, de autores como Matt Groening, Saul Bellow e Richard Zenith.

Rui Zink recebeu o Prémio do P.E.N. Clube Português pelo romance *Dávida Divina* (2005), e representou o país em eventos como a Bienal de São Paulo, a Feira do Livro de Tóquio ou o Edinburgh Book Festival.

A sua obra está traduzida em inglês, alemão e hebraico, encontrando-se também publicada no Brasil.



Escola Secundária c/3º Ciclo de Pedro Nunes
Departamento de Português/Latim
Prática de Ensino Supervisionada

A COMUNIDADE NA ESCOLA CICLO DE PALESTRAS

Dia 21 de Fevereiro, quinta-feira às 12 Horas
BIBLIOTECA

ANA MARIA MARTINHO GALE

MITOS E LENDAS NA POESIA AFRICANA

Professora na Universidade Nova de Lisboa

Docente e investigadora em Estudos Africanos, Literaturas e Culturas dos Países de Língua Portuguesa e Ensino do Português LS/LE

Algumas publicações:

- The Protean Web: Literature and Ethnography in Lusophone Africa (2011)
- Literatura e Confluências Culturais (ACIDI & CEP-CEP - 2009)
- Cânones Literários e Educação – Os Casos Angolano e Moçambicano (2001)
- África: Investigações Multidisciplinares (ed) (1999)

Coordenadora da revista *Idiomático* do Instituto Camões (2005-2008)

Professora Convidada em Universidades Estrangeiras



Escola Secundária c/3º Ciclo de Pedro Nunes
Departamento de Português/Latim
Prática de Ensino Supervisionada

A COMUNIDADE NA ESCOLA CICLO DE PALESTRAS

Dia 7 de Março, Quinta-feira às 12 Horas
BIBLIOTECA

FERNANDO CABRAL MARTINS

FERNANDO PESSOA & A HETERONÍMIA

Professor da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Um dos mais reputados especialistas portugueses do Modernismo, e da sua antecâmara em Cesário Verde e no simbolismo, tem obra vasta sobre o período, tendo estudado e editado as obras de Mário de Sá-Carneiro, Fernando Pessoa, e de Almada Negreiros.

Coordenou o monumental Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português. Preparou ainda, a sós ou em colaboração, edições da obra de Luíza Neto Jorge e Alexandre O'Neill. Deu rosto e voz a Pessoa em *Conversa Acabada*, filme de João Botelho, de 1981.

É também autor de uma singular obra ficcional, de que alguns títulos são *O Decapitado*, 2003, e *Viagem ao Interior*, 2004.





Escola Secundária c/3º Ciclo de Pedro Nunes
Departamento de Português/Latim
Prática de Ensino Supervisionada

A COMUNIDADE NA ESCOLA CICLO DE PALESTRAS

Dia 14 de Março, quinta-feira às 12 Horas
BIBLIOTECA

PAULA CRISTINA COSTA OS "ISMOS" DO MODERNISMO



Paula Cristina Costa é Professora na FCSH da UNL, desde 1988, faculdade onde fez a licenciatura (1985), mestrado (1990), doutoramento (2000) e Agregação (2011), na área da Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea. A sua tese de doutoramento intitulava-se «António Ramos Rosa, um poeta *in fabula*» (Quasi, 2005) e a sua dissertação de Mestrado foi sobre Pessoa e o Modernismo Português, intitulada «As dimensões artísticas e literárias do projecto sensacionista». No âmbito da sua principal área de interesse, a Literatura Portuguesa Moderna/Contemporânea, publicou vários artigos, dispersos em revistas, dicionários e livros. Colaborou, recentemente, no Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português (Caminho, 2008), dirigido por Fernando Cabral Martins. Escreve poesia.



Escola Secundária c/3º Ciclo de Pedro Nunes
Departamento de Português/Latim
Prática de Ensino Supervisionada

A COMUNIDADE NA ESCOLA CICLO DE PALESTRAS

Dia 22 de Abril, segunda-feira às 12 Horas
Auditório

LEONOR SANTA BÁRBARA ELEMENTOS TRÁGICOS NA OBRA DE EÇA DE QUEIRÓS



Leonor Santa Bárbara é Professora Auxiliar do Departamento de Estudos Portugueses da FCSH/UNL, onde lecciona Grego, Literatura Grega e Cultura Clássica Grega, entre outras. Além disso, é investigadora do Centro de História da Cultura da mesma Universidade, onde é responsável pelo grupo de investigação de Estudos da Antiguidade. Licenciada em Línguas e Literaturas Clássicas pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, obteve na mesma instituição os graus de Mestre e Doutor em Literatura Grega com dissertações que abordam a literatura do período helenístico.



Escola Secundária c/3º Ciclo de Pedro Nunes
Departamento de Português/Latim
Prática de Ensino Supervisionada

A COMUNIDADE NA ESCOLA CICLO DE PALESTRAS

Dia 18 de Abril, quinta-feira às 12 horas
Auditório

JUDITE DE SOUSA



O JORNALISTA E A SOCIEDADE

Judite de Sousa começou por trabalhar na RTP do Porto em 1978, onde foi repórter e posteriormente apresentadora do "Jornal da Tarde". O seu trabalho foi apreciado e convidaram-na a mudar-se para Lisboa, para trabalhar na redação principal do canal estatal de televisão. Na capital, notabilizou-se como apresentadora do "Telejornal", o principal bloco noticioso da RTP, transmitido à hora de jantar. Em paralelo, começou também a moderar debates políticos e a conduzir entrevistas. Apesar de se ter especializado na apresentação de blocos noticiosos, moderação de debates e condução de entrevistas, Judite de Sousa continuou a fazer reportagem. Assim, por diversas vezes, deslocou-se ao estrangeiro para acompanhar, principalmente, situações de guerra ou conflito. Esteve, em 1994, no Ruanda e no Zaire (atual República Democrática do Congo) após o genocídio étnico que aconteceu naquela região e, no ano seguinte, presenciou na Bósnia a ofensiva sérvia ocorrida na guerra dos Balcãs. Em 1999, regressou a Macau para fazer a reportagem da transferência de poderes do território para as mãos da China. Em 2001, deslocou-se ao Paquistão para acompanhar a situação de crise gerada após os atentados contra os Estados Unidos da América a 11 de Setembro. Em 2000, Judite de Sousa tinha aceite o cargo de diretora-adjunta de informação, trabalhando diretamente com José Rodrigues dos Santos. Durante esse período ficou responsável pela apresentação de "Grande Informação", programa transmitido quinzenalmente, com análise política que contou com a presença fixa de Mário Soares. No início de 2002, após a remodelação efetuada na RTP, manteve-se como uma das principais figuras da informação do canal, tendo a seu cargo um programa de grande informação. Em 2011 deixa a RTP, anunciando a sua ida para a TVI, onde também é sub-diretora de informação. Actualmente, para além deste cargo, apresenta o *Jornal das 8* às sextas, sábados e domingos, neste último dia, modera também o comentário político do professor Marcelo Rebelo de Sousa. A segunda-feira, apresenta o programa *Olhos nos Olhos*, na TVI24, com Henrique Medina Carreira. É Comendadora da Ordem do Mérito, distinção atribuída por Jorge Sampaio.



Escola Secundária c/3º Ciclo de Pedro Nunes
Departamento de Português/Latim
Prática de Ensino Supervisionada

A COMUNIDADE NA ESCOLA CICLO DE PALESTRAS

Dia 29 de Abril, Segunda-feira às 12 Horas
BIBLIOTECA

AFONSO REIS CABRAL

EÇA DE QUEIRÓS: CONVERSAS EM FAMÍLIA



Nascido em 1990. Frequentou até ao 9º ano o Colégio Cedros, no Porto. Secundário na Escola Rodrigues de Freitas. Publicou em 2005, aos 15 anos, um livro de poesia. Ficou em 8º lugar num concurso europeu de grego

antigo, tem publicados textos de cariz literário em alguns periódicos. Licenciado em Estudos Portugueses, frequenta o Mestrado com o mesmo nome. Trabalha como revisor para algumas editoras e até há pouco tempo trabalhava também num alfarrabista. Tem uma bolsa de investigação. Trineto de Eça de Queiroz.



Escola Secundária c/3º Ciclo de Pedro Nunes
Departamento de Português/Latim
Prática de Ensino Supervisionada

DIA DOS NAMORADOS



14 DE FEVEREIRO



ALUGA-SE TROVADOR



QUERES SURPREENDER ALGUÉM?



ÉS ROMÂNTICO/A?

GOSTAVAS DE DEDICAR UM POEMA A UMA PESSOA ESPECIAL?

CONTACTA O TEU PROFESSOR DE PORTUGUÊS!



Feliz dia dos Namorados

Carta aos meus Alunos

*Sinto o ar indigno e a vulgaridade da consciência em coma
Gostava de poder sonhar com céus livres e vidas respiradas
Mas, a minha pele transpira as últimas gotas da extinta liberdade
Não creio que as gentes consigam repousar na sombra dos quentes dias
Vejo-as agachadas na servidão do Inverno, em fileira, tremendo de ignorância
Lamentando exílio nos olhos e definhando lentamente entre os poros do sonho
Escrevo sim, àqueles a quem o futuro germina... aos meus alunos
Quero dizer-lhes que a vida treme, não de dor, mas de crença e força
Mostrar-lhes o som das nuvens, o silêncio do mar
A esperança no rosto dos velhos
Quero que sintam o toque que advém dos inocentes gestos desprendidos
E que amem...
Que amem cada pétala, cada formiga, cada grão de areia e cada momento liberto da
pequenez da existência.
Gostava que sonhassem com hortas de livros, onde estes crescessem somente com a
vontade das suas aspirações e brotassem como luvas nas mãos das senhoras.
Que tivessem o discernimento para descobrir em seu redor Deuses e Ninfas,
E que o Olimpo existe em cada monte da nossa Vontade.*

Susana Marta Pereira



Português e(u) ensino

Escola Secundária de **Pedro Nunes** | 22 de Maio | 18h00

Oradores

Maria do Carmo Vieira
Nuno Pacheco
Helena Buescu
Pedro Correia

Intervenientes

Ana Maria Martinho
Leonor Santa Bárbara
Teresa Cadete
Ivo Miguel Barroso
Pedro Afonso
Ana Mendes da Silva

Organização

Maria do Carmo Vieira
Susana Marta Pereira



ESCOLA SECUNDÁRIA C/3º CICLO DE PEDRO NUNES

LISBOA E A ARTE



Lisboa sempre foi uma cidade de pintores, de escritores e poetas. Nela amaram os artistas cada esquina, cada viela e cada angústia no rosto de uma mulher perdida. Cidade da saudade, da luz, dos amantes e da criação. Lisboa e a arte é uma exposição onde viajamos por entre as ruas da literatura e as esquinas da pintura, entrelaçando-as com a luz que as guia.

*“Cidade da minha infância pavorosamente perdida...
Cidade triste e alegre, outra vez sonho aqui...”*

Fernando Pessoa in *“Lisboa Revisited”* (1926)

PROGRAMAÇÃO

Exposição Temporária com trabalhos dos alunos
sobre Lisboa e a Arte
(Átrio da Escola)

“Ver Amadeo de Souza-Cardoso, Pensar o Modernismo”

Dr^a Marta Soares
(Quarta-feira, 05 de Junho, às 12h, Biblioteca)

Organização: Maria Corvo e Susana Marta Pereira



Escola Secundária c/3º Ciclo de Pedro Nunes

Departamento de Português/Latim

Prática de Ensino Supervisionada

A COMUNIDADE NA ESCOLA **CICLO DE PALESTRAS**

MARTA SOARES

Ver Amadeo de Souza-Cardoso,

Pensar o Modernismo



Nasce em 1989. Em 2012, termina a licenciatura em Estudos Portugueses e Lusófonos e ingressa no mestrado em História da Arte, tendo em vista uma dissertação sobre as relações entre Amadeo de Souza-Cardoso e a revista Orpheu (em preparação). Além das principais motivações de investigação, no âmbito da Pintura, de Amadeo de Souza-Cardoso, do Modernismo, da Teoria da Arte e da História da Arte, interessa-se, desde a adolescência, por Cinema de Animação e, mais recentemente, por Literatura Tradicional.



Escola Secundária c/3º Ciclo de Pedro Nunes
Departamento de Português/Latim

HEBDOMAS LINGVAE LATINAE

Semana do Latim

EXPOSIÇÃO DE TRABALHOS DOS ALUNOS
DE 11 A 15 DE MARÇO

AULA ABERTA DE LATIM

14.03.2013 (QUINTA-FEIRA)

DAS 14.15 ÀS 15.45

INSCRIÇÕES até dia 13 de Março (Quarta-feira)

NA BIBLIOTECA DA ESCOLA





FCSH
FACULDADE DE CIÊNCIAS
SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

ANEXO 43

DIA ABERTO

10 de Abril

Visita da Escola Secundária
de Pedro Nunes à Faculdade
de Ciências Sociais e
Humanas

Junta-te a nós!



COMENTÁRIO CRÍTICO

I. Lê o seguinte texto e observa atentamente a imagem.



“O Mais Você desta sexta-feira, 25 de fevereiro, falou sobre uma nova tendência no Rio de Janeiro: turismo nas favelas pacificadas. Já pensou em fazer um passeio nos morros e nas comunidades que antes eram ocupadas por traficantes? Quem vier à cidade maravilhosa no Carnaval terá mais essa opção de lazer. A repórter Jaqueline Silva foi ver de perto como isso está mudando a vida dos moradores dos morros da Babilônia, Chapéu Mangueira e Cantagalo, que rodeiam o famoso bairro de Copacabana. E quem visita as favelas percebe que muita coisa está mudando por lá.

Depois da instalação de 14 UPP (Unidades de Polícia Pacificadora) nos morros, isso agora é possível. E não é só passear pelas comunidades. Já dá para se hospedar em casas e pousadas com diárias em média de R\$ 100, com direito a uma vista maravilhosa. Segundo os moradores do Cantagalo a visitação é muito grande e esse comércio hoteleiro está gerando uma boa fonte de renda para as famílias que estão investindo nessa área. Espanhóis, noruegueses, finlandeses, americanos, russos, franceses, árabes e até chineses e japoneses já passaram por lá. E foi pensando no futuro que o diretor da Associação de Moradores do Morro da Babilônia passou a usar a própria casa para receber os turistas que visitavam a favela. Em menos de dois anos, a feijoada na laje do César virou tradição. Hoje o negócio envolve toda a família e o movimento dos turistas só aumentou. Turismo na favela não é exatamente uma novidade no Rio de Janeiro. Depois da Eco 92 (Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento), muitos estrangeiros subiram os morros cariocas para ver de perto a vida dos moradores. O problema é que a violência afastava os turistas. Mas agora, com as unidades de polícia pacificadora, o cenário é outro e o movimento por lá não para de crescer.

No mundo

Essa moda que chegou ao Brasil é uma tendência mundial. Em muitos lugares, os turistas estão trocando as praias e tradicionais atrações locais por paisagens bem diferentes. No México, a atração são os lixões. Na África do Sul, esse tipo de turismo teve início com fim da Apartheid, em 1994. Os turistas podem passear a pé pelas favelas, conversar com moradores, almoçar num restaurante local ou mesmo passar a noite numa casa. No Quênia, na parte sul de Nairobi, a atração é o bairro de Kibera. No lugar está a maior favela da África. Lá moram um milhão de pessoas. Em Mumbai, na Índia, existem 2 mil favelas. Dharavi é a maior delas e a mais procurada pelos turistas.”

<http://tv.globo.com/programas/mais-voce>

2. Escreve um comentário crítico, com um mínimo de 180 palavras e um máximo de 240 palavras, em que apresentes a tua posição quanto à temática abordada no texto.

ORIENTAÇÕES GERAIS

O teu texto deve incluir:

- Uma parte introdutória, em que identifies o tema e a tua posição.
- Um desenvolvimento, no qual apresentas razões que sustentam a tua posição, exemplificando.
- Uma conclusão, em que reforças o teu ponto de vista.



COMENTÁRIO CRÍTICO

1. Lê o seguinte texto e observa atentamente a imagem.



Modelo de 10 anos na capa da Vogue acende polémica

Uma produção sensual para a Vogue francesa com uma menina de apenas 10 anos está a indignar leitores e comentadores e a relançar o debate: qual o limite mínimo de idade para este tipo de ensaio?

No centro da polémica está Thylane Blondeau. Com apenas 10 anos, foi fotografada para a revista Vogue francesa com roupa e poses provocantes e maquilhagem acentuada.

Comparada a Brigitte Bardot, que foi capa da Elle com 15 anos, a pequena modelo foi fotografada como se de uma adulta se tratasse. A produção foi feita há já oito meses, mas a polémica estalou agora, graças a uma reportagem televisiva.

<http://visao.sapo.pt/modelo-de-10-anos-na-capa-da-vogue-acende-polemica>

2. Escreve um comentário crítico, com um mínimo de 180 palavras e um máximo de 240 palavras, em que presentes a tua posição quanto à temática abordada no texto.

ORIENTAÇÕES GERAIS

O teu texto deve incluir:

- Uma parte introdutória, em que identifies o tema e a tua posição.
- Um desenvolvimento, no qual apresentas razões que sustentam a tua posição, exemplificando.
- Uma conclusão, em que reforças o teu ponto de vista.



Escola Secundária c/3º Ciclo de Pedro Nunes
Exercício de Escrita

TEXTO ARGUMENTATIVO

1. Lê as afirmações seguintes.

- a) *"Toda a gente é capaz de sentir os sofrimentos de um amigo. Ver com agrado os seus êxitos exige uma natureza muito delicada."* Oscar Wilde
- b) *"Escolho os meus amigos pela sua boa apresentação, os meus conhecidos pelo seu bom carácter e os meus inimigos pela sua boa inteligência. Um homem não pode ser muito exigente na escolha dos seus inimigos."* Oscar Wilde
- c) *"Nada há de mais perigoso do que um amigo ignorante; Mais vale um sábio inimigo."* La Fontaine
- d) *"A metade de um amigo é a metade de um traidor."* Victor Hugo

2. Num texto correcto e bem estruturado, com um mínimo de 180 e um máximo de 240 palavras, apresenta o teu ponto de vista sobre os amigos. Fundamenta a tua posição recorrendo, no mínimo, a dois argumentos e ilustra cada um deles com, pelo menos, um exemplo significativo.

3.

ORIENTAÇÕES GERAIS

1ª ETAPA - PLANIFICAÇÃO (Planificar a escrita de Textos)

- a) Estabelecer objectivos, registar ideias e organizá-las, organizar informação.

2ª ETAPA - TEXTUALIZAÇÃO (Redigir textos com coerência e correcção linguística)

- a) Ordenar e hierarquizar a informação, tendo em vista a continuidade de sentido, a progressão temática e a coerência global do texto.
- b) Diversificar o vocabulário e as estruturas sintácticas utilizadas nos textos.
- c) Utilizar adequadamente os sinais de pontuação.
- d) Respeitar os princípios do trabalho intelectual: normas de citação.

3ª ETAPA - REVISÃO (auto-correcção)

- a) Reescrever o texto, se necessário. (Consulta as grelhas de apoio)

GRELHA DE AUTO-CORRECÇÃO

Na estrutura do texto apresentei:	Sim	Não
A ideia (tese) que defendo, no primeiro parágrafo.		
As razões (argumentos) que justificam a minha opinião, no segundo ou mais parágrafos.		
Os exemplos que reforçam a minha opinião, no segundo e restantes parágrafos.		
Uma conclusão reforçando o meu ponto de vista ou ideia que defendo (validação da ideia ou tese, no último parágrafo.		
Na textualização do texto utilizei:	Sim	Não
Expressões que introduzem o meu ponto de vista (exs.: na minha opinião, no meu ponto de vista, penso que, considero que, entendo que, parece-me...).		
A primeira pessoa do singular para marcar		
Expressões linguísticas (marcadores do discurso) que mostram a progressão do tema e da ideia a defender (exs.: em primeiro lugar, em segundo lugar, de seguida, posteriormente, por fim, finalmente...).		



Escola Secundária c/3º Ciclo de Pedro Nunes

Questionário de Avaliação da Biblioteca Escolar-Professores

(Reformulado e adaptado a partir do Modelo de Autoavaliação da Rede de Bibliotecas Escolares.)

Assinale com uma cruz (X) a opção pretendida.

1. Incentiva os alunos a utilizar a BE e os seus recursos?
 - Sim.
 - Não.

2. Com que frequência costuma usar a BE e os seus recursos no âmbito das suas funções de docente?
 - Todos os dias.
 - Uma ou duas vezes por semana.
 - Uma ou duas vezes por mês.
 - Uma ou duas vezes por período.
 - Muito raramente e de forma irregular.
 - Nunca.

3. Com que objetivo utiliza a BE e os seus recursos no seu trabalho docente?
 - Ler/Consultar com os alunos obras de referência ou livros de temáticas específicas.
 - Utilizar os computadores com os alunos.
 - Fazer empréstimos domiciliários.
 - Selecionar e requisitar material (livros, vídeos, etc.) para a sala de aula.
 - Noutra situação. Qual? _____

4. Classifica o nível dos recursos da BE para apoio à sua prática educativa de:
 - Muito Bom.
 - Bom.
 - Razoável.
 - Fraco.
 - Não conheço.



Escola Secundária c/3º Ciclo de Pedro Nunes

Questionário de Avaliação da Biblioteca Escolar-Professores

(Reformulado e adaptado a partir do Modelo de Autoavaliação da Rede de Bibliotecas Escolares.)

5. Costuma integrar a Biblioteca Escolar (BE) e os seus recursos na sua função de docente?
- Sim Não
6. Como apoio para trabalhos de pesquisa dos seus alunos costuma utilizar: (Pode assinalar mais do que uma opção.)
- O Modelo/Guião de pesquisa proposto pela escola/Departamento ou pela BE.
- Um Guião de pesquisa produzido por si.
- Orientações que dá oralmente aos alunos
- Não sugere orientações de pesquisa.
7. Já solicitou à BE ajuda na realização das suas atividades letivas?
- Sim, e obtive ajuda
- Não, nunca solicitei.
- Sim, mas não obtive resposta.
8. Assinale a opção pretendida no quadro abaixo, no que se refere ao trabalho da BE.
(Coloque uma cruz (X) na opção pretendida.)

Biblioteca Escolar	Sim	Não	Não Conheço
Desenvolve, planifica projetos e atividades em colaboração com os professores?			
Envolve e consulta os docentes nas problemáticas relacionadas com o desempenho escolar dos alunos, de forma a tentar colaborar com o sucesso dos alunos?			
Colabora no sentido do envolvimento das famílias em atividades?			
Cria condições de espaço e de tempo para individual?			
Desenvolve atividades diversas (palestras/ semanas temáticas/exposições/ etc.)?			

9. Colabore, agora, com sugestões, informações que considere pertinentes, relacionadas com a BE.

Obrigada pela sua participação!

Prática de Ensino Supervisionada
Mestranda Susana Marta Pereira



Escola Secundária c/3º Ciclo de Pedro Nunes
Questionário de Avaliação da Biblioteca Escolar-Alunos
(Reformulado e adaptado a partir do modelo de autoavaliação da Rede de Bibliotecas Escolares.)

Assinala com uma cruz (X) a opção pretendida.

1. Frequento o ensino:

Básico

Secundário

2. Com que frequência costumas usar a Biblioteca Escolar (BE) e os seus recursos?

Todos os dias.

Uma ou duas vezes por semana.

Uma ou duas vezes por mês.

Uma ou duas vezes por período.

Muito raramente e de forma irregular.

Nunca.

3. Com que frequência costumas usar a Biblioteca Escolar (BE) e os seus recursos com os teus professores e/ou a seu pedido?

Todos os dias.

Uma ou duas vezes por semana.

Uma ou duas vezes por mês.

Uma ou duas vezes por período.

Muito raramente e de forma irregular.

Nunca.

4. Em que situação utilizas a BE e os seus recursos nas tuas atividades escolares?

Com a turma e o professor, em atividades das disciplinas e/ou curriculares.

Com o professor em atividades de áreas não curriculares e/ou disciplinares.

Quando o professor falta, em aulas de substituição.

Sozinho ou com colegas para estudar ou fazer trabalhos (TPC/grupo/outros).

Noutra situação. Qual? _____

Nunca.

